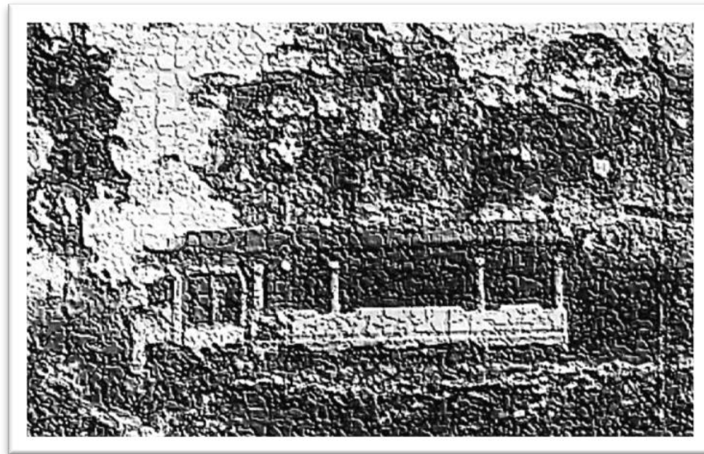
Salomão Rovedo

Petrópolis, 1942



Casa de Stefan Zweig em 1942

A misteriosa morte de Stefan Zweig
(Novela)

Rio de Janeiro
2018

I

Quando o Rio de Janeiro foi a Capital Federal, a cidade de Petrópolis sempre era vista como *a segunda Capital do Brasil*. Isso porque desde o Império as autoridades promoviam ali importantes reuniões para tratar de assuntos nacionais e internacionais o que, na prática, transferia tanto a Presidência da República quanto os Ministérios para a cidade. Em virtude disso também políticos, embaixadores e outras autoridades cumpriam o mesmo ritual para não perder o bonde da história.

A tradição se manteve também na República. No ano de 1942 não foi diferente: durante o verão Petrópolis se ornamentou para receber autoridades influentes e de prestígio, cardeais, magistrados, Secretários de Estado. O Presidente Getúlio Vargas estaria ali na liderança do Governo.

Engalanada por conta da realização da III Exposição de Flores e Frutos, a cidade serrana se preparou para recepcionar as autoridades e chanceleres norte-americanos, para recepcionar Franklin Roosevelt e sua esposa Eleanor, que visitavam o país, acompanhados de todo staff estatal, conforme deu na imprensa:

Instalou-se ontem na antiga Chácara das Camélias a III Exposição de Flores e Frutos de Petrópolis, inaugurada pelo casal presidencial Getúlio e Darcy Vargas.

******

Atendendo apelo da Municipalidade as casas comerciais embandeiraram as fachadas, homenageando os Presidentes Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt, que estará na cidade acompanhado da esposa Anna Eleanor. A primeira dama americana promoverá, junto com Dona Darcy, várias ações sociais, inclusive visita ao Hospital Santa Thereza. (Tribuna de Petrópolis, 18 de janeiro de 1942)

Mas naquela manhã de segunda-feira, dia 23 de fevereiro de 1942, Petrópolis se alvoroçou por outro motivo. O escritor Stefan Zweig e sua mulher Charlotte Elizabeth foram encontrados de madrugada mortos, deitados na cama do casal no tranquilo bairro Valparaíso. Ante as primeiras evidências – inclusive carta do próprio punho de Stefan Zweig – a causa da morte foi de pronto estabelecida: suicídio por envenenamento, consequente da ingestão excessiva de Veronal.

A informação do fato correu rápida, divulgada por telefonemas, por notícias das rádios locais, pelas primeiras edições dos jornais do Rio de Janeiro. No mesmo dia a informação da tragédia saiu nas rádios e jornais vespertinos da Capital Federal em nota extraordinária. Três dias depois uma nota curta era publicada pelo jornal Le Petit Parisien:

L'écrivain Stefan Zweig se suicide au Brésil
L'écrivain juif Stefan Zweig et sa femme se sont suicidés lundi à Petropolis Rio-de-Janeiro, en absorbant du poison.

De repente a casa número 34 da Rua Gonçalves Dias – quase sempre imersa em religioso silêncio – se viu agredida pela expressiva e diversificada frequência do tipo de gente que um fato dessa magnitude atrai. O ruído dos carros, as buzinas impacientes, a voz imperiosa das autoridades, as ordens dadas em tom alto, padres católicos, rabinos judeus, policiais, médicos legistas, fotógrafos e jornalistas, todos tentando se comunicar em murmúrio – que o tumulto transformava em vozerio incômodo para os moradores do bairro. A ocorrência ofuscou até as últimas notícias da guerra na Europa, a presença de Getúlio Vargas na cidade, a chegada do Presidente norte-americano, assim como os boatos incipientes de que o Brasil entraria na guerra como parceiro dos aliados no conflito.

A poucos metros do local, na esquina da Rua Washington Luiz, o detetive Dr. Bernardo Bezsler, desligado do furdunço da vizinhança, tendo como companhia o motorista do rabecão e seu amigo médico legista Dr. Jorge Coelho, atendia a outra ocorrência policial. Ambos foram convocados para assumir o caso da morte de Otto Nils, recolher o corpo do falecido, cujo óbito se dera por morte natural às vésperas de completar 78 anos. Os policiais foram recebidos no local por dona Ifigênia, senhora de cabelos brancos, com óculos que ressaltavam os olhos azuis, que o desgaste do tempo esmaeceu. Foi ela que às cinco horas da manhã, telefonou para a delegacia informando o que encontrou quando chegava à Casa Alemã para mais um dia de trabalho.

A rotina solitária dos dois funcionários, executada em metódico silêncio, contrastava com os holofotes voltados para o

imponente episódio da Rua Gonçalves Dias. A poucos metros de ambas as ruas, em linha paralela, o córrego do Rio Quitandinha escorregava sem pressa para desaguar no Piabanha. Otto Nils era velho conhecido das autoridades de Petrópolis, ele ficou célebre na cidade por fundar a associação de acolhimento à leva de fugitivos da guerra, dos campos de concentração polacos, da perseguição dos nazistas.

Todos que ali chegavam eram abrigados, alimentados, recebiam roupas e em pouco tempo ganhavam outra destinação, sigilosa, com acolhimento e ocupação profissional garantida. A Casa Alemã, como foi batizada – mas que na verdade assistia gente de qualquer nacionalidade – logo se tornou muito afamada com a publicidade nacional e internacional, mas em pouco tempo suas atividades se tornaram corriqueiras e Otto Nils caiu no esquecimento. Nada mais de novo acontecia ali.

Após ter recolhido o corpo magro de Otto Nils sob a orientação e instruções do médico Dr. Jorge Coelho, o detetive Dr. Bernardo Bezsler deu ao motorista a pilha de formulários preenchidos e assinados, despachou o rabecão e se despediu dos colegas. Agora o seu trabalho estaria voltado para examinar o casarão de dois andares, envelhecido prematuramente pela falta de manutenção e sem atividade alguma. Teria que fazer a perícia e arrolamento dos bens, após o que lacraria o imóvel que passaria para guarda do município até a realização do inventário, o desfecho do inquérito e outras formalidades.

A casa de Otto Nils não parecia residencial, era na verdade um prédio de dois andares, retangular e cinzento, localizado na confluência das ruas Washington Luiz e Saldanha Marinho cruzado por duas ou três pontes sobre o córrego. Não tinha varanda nem jardim, portas e janelas desciam retas na parede acinzentada que até o pé da calçada onde se espalhada a mancha esverdeada provocada pela umidade constante. O prédio fazia parede com outras edificações modestas comerciais e residenciais formando um pequeno quarteirão. Ao lado havia duas pequenas lojas: uma abrigava misto de padaria e lanchonete, a outra abrigava pequena botica que atendia também como farmácia e assim completavam os únicos comércios da área.

Antes de começar a fazer a perícia e o inventário, cheio de formulários por preencher e formalidades a cumprir, Dr. Bernardo foi à padaria, bebeu um cafezinho e depois acendeu o cigarro necessário para acompanhá-lo na tarefa chata de descrever o local, relacionar um a um os bens do imóvel e completar o processo. Depois pegou a prancheta com várias folhas que teria de preencher e entrou. Dona Ifigênia o recebeu em meio às tarefas cotidianas: ela limpava o local, arrumava coisas, cada objeto incólume há anos em seu lugar. Dr. Bernardo não se importou com essa desfiguração da cena da morte de Otto Nils – afinal tratava-se de falecimento por causas naturais – embora Dr. Jorge Coelho tivesse anotado "infarto agudo do miocárdio seguido de choque circulatório".

O interior da residência acompanhava o formato retangular do prédio, cerca de 30m x 100m, esticando-se para os fundos. Com o objetivo de explicitar isso Dr. Bernardo fez o desenho meio torto, cortando em linhas retas duas saletas de cada lado na entrada, seis quartos lado a lado com cama, guarda-roupa, banheiro coletivo com vários boxes para guarda de bens pessoais. No meio dessa divisão tinha um intervalo para a escadaria que levava ao segundo andar. Nos fundos havia mais dois grandes espaços para cozinha, copa, mesa de refeição, despensa e do lado de fora no pequeno quintal, área de serviços, lavanderia, tanques com torneiras, bancada, varal para roupas. Ali certamente era o território de dona Ifigênia.

Dr. Bernardo anotou, desenhou, descreveu os objetos que habitavam ordenadamente a casa. Isso não foi nada difícil, era tudo muito retilíneo, quadrado. Dona Ifigênia sempre solícita o acompanhava a todo lugar e pegou mania de interromper o trabalho silencioso do policial dando explicações, detalhando espaços, para que servia isso e aquilo, coisa que não interessava aos formulários rígidos que acompanhariam o processo que depois seria largado em velhos arquivos até o tempo implacável apodrecer as páginas.

Terminada essa primeira fase, Dr. Bernardo por fim aceitou o convite dela para mais um cafezinho. Esse era vício a que todos

os policiais se dedicam: café, café, café. Ficaram os dois sentados na grande mesa de madeira bebericando o café, mastigando biscoitos de fécula caseiros – entre perguntas e frases de aparência inútil, mas que soavam investigativas para cada um deles.

Só então Dr. Bernardo pôde observar com mais detalhe aquela figurinha suave que era dona Ifigênia. Seria o retrato perfeito da avozinha que trata os netos com carinho, que a qualquer momento traz biscoitos, balas e guloseimas para agradá-los. Mas em certos momentos seus olhos se tornavam pequeninos, aguçados e curiosos. *Como os olhos de um policial!* Dr. Bernardo memorizou bem esse detalhe, que ao tempo certo passaria a Roberto, discípulo de Freud mais afeito a temas psicológicos. Foi esse mesmo olhar cortante que interrompeu os pensamentos do detetive para relembrar que aquele espaço já teve dias movimentados, a presença de muitos hóspedes, casais, fugitivos apaixonados, crianças, mães e filhos, todos recém-chegados ainda excitados com a aventura da fuga, as peripécias e perigos da viagem, o medo de morrer nas mãos dos carrascos nazistas ou comunistas.

Mas ali era local de trânsito, de breve passagem. Cumprido esse ritual os abrigados seguiriam o mais rápido possível a lugares mais seguros para iniciar nova vida. Enquanto isso a Casa Alemã tentava dar certa ordem na vida dos refugiados e imigrantes recuperando-os dos traumas da separação, fuga e viagem atribulada. Otto Nils dava longas palestras para ilustrar qual procedimento deveria ser adotado por cada um nessa travessia. Saberiam que tinham de assumir nova identidade, novos nomes familiares, tudo para garantir a estabilidade de cada um deles. Teriam vida nova e segurança total capaz de suprimir totalmente o risco de ver repetida aqui as atribulações que começaram na Ucrânia, Lituânia e Polônia, para culminar na Áustria e na Alemanha Nazista.

Os documentos com que chegaram até ali perderiam a validade, todos receberiam identidade nova, cartas de apresentação, indicação sobre a qualificação profissional e depois todos esses detalhes seriam apagados dos arquivos locais para

garantir que não caíssem em mãos erradas. Essa providência, pelo pavor dos campos de concentração, também de caráter emotivo e esperança de vida nova, tinha a aceitação incondicional senão de todos, da maioria certamente. Dr. Bernardo olhou o relógio: já passava de duas da tarde. Perdi o almoço, pensou. Respirou fundo e repetiu a xícara de café:

– Dona Ifigênia, agora eu preciso examinar o segundo andar e quando terminar a inspeção eu prometo não perturbar mais. – O detetive disse isso tentando dar ânimo à expressão cansada da senhora.

Dona Ifigênia fez um gesto de compreensão, acompanhou o detetive até a escadaria e depois de superar dois lances alcançaram a porta de ferro gradeada que daria acesso à entrada para os aposentos do segundo piso. Pelo material usado, dava para ver que se tratava de obra sólida, bem construída, feita para durar. Além da fechadura normal um cadeado grande lacrava as duas partes da corrente de aço.

– Esse andar deve estar muito sujo, disse dona Ifigênia a modo de justificativa. Seu Otto quase não usava mais nem me deixava entrar para arrumar, a não ser no aposento que usa para trabalhar e dormir quando ficava até tarde da noite, varando a madrugada. Algumas vezes dava para notar que ele permanecera ali até o sol raiar.

Ela tirou do bolso um magote de chaves de todo tipo, experimentou várias delas no cadeado, mas nenhuma serviu para abrir a porta. Olhou as chaves detalhadamente, escolheu outra, enfiou de novo na fechadura e nada. Tentou com outra e mais algumas, mas nenhuma abria o cadeado nem a porta. Ela ficou envergonhada com aquilo e deu um olhar suplicante, pediu desculpas a Dr. Bernardo que aceitou com um gesto de resignação. A corrente era grossa, o cadeado e a fechadura mais sólidos para que um martelo pudesse quebrar, ademais não fazia sentido algum arrombar a porta: seria mais eficiente trazer equipamento próprio para abri-los.

Dr. Bernardo pôs amavelmente o braço sobre os ombros cansados da velha senhora e disse:

– Dona Ifigênia, a senhora procure bem a chave que eu voltarei amanhã e faremos a vistoria, tá bom? Agora irei almoçar e retornarei ao trabalho. Dá para ver que a senhora também está muito cansada com tudo isso, foi um dia duro para nós todos.

Dona Ifigênia agradeceu com o olhar comovido. Àquela altura era só o que ela queria: esticar as pernas num sofá, tomar um chá com biscoitos de fécula, conversar com seu gato de estimação e cerrar os olhos num sono reparador. Para o detetive Dr. Bernardo, porém, essa felicidade estava ainda longe de alcançar: teria de cumprir o restante do horário na delegacia até no mínimo às 19 horas. E foi para lá que se dirigiu guiando aos solavancos o seu jipe Willys.

Chegando ao velho prédio da Rua Imperial, para substituir o almoço, Dr. Bernardo comeu um sanduíche de mortadela que tinha comprado na Casa D'Ângelo e se sentou à mesa para reexaminar a pasta que guardava o dossiê que tinha preparado sobre Otto Nils, ao qual iriam se juntar todos os elementos do seu falecimento. Encontrou e arquivou a cópia do atestado de óbito que o Dr. Jorge Coelho deixou sobre sua mesa, ao qual ele iria juntar a autópsia e o relatório pericial de sua responsabilidade para completar os procedimentos. Quanta burocracia!

Antes de se debruçar no trabalho, Dr. Bernardo foi dar uma olhada nos jornais empilhados em sua mesa: Jornal de Petrópolis, A Tribuna, Jornal de Cascatinha do último domingo, O Fluminense e por último o Jornal Sportivo. A notícia sobre a morte de Stefan Zweig e sua mulher dominava as manchetes de todos os diários, num deles um repórter sensacionalista levantava a tese de assassinato a mando de Hitler. Para corroborar sua tese, o tal repórter replicou vários atentados e mortes que os nazistas arranjaram, mas na verdade eram execuções simulando suicídio.

Para aumentar a confusão, a autópsia no local apropriado – ou seja, o IML – tinha sido proibido por ordem de Getúlio Vargas, que estava em Petrópolis fugindo da canícula do verão carioca.

Estava feito o rolo que crescia a cada momento: as entidades judias pediam para o casal ser enterrado no Cemitério Comunal Israelita de Nilópolis sob o ritual *taharat*. Getúlio, pressionado pelo clero, mais uma vez interferiu e determinou que o funeral fosse realizado nos moldes católicos brasileiros. Dr. Bernardo não pôde conter um sorriso sobre a sinuca em que estavam metidos os colegas que tratavam do caso. Além de estarem pressionados pela polícia carioca e pelo peso do Governo Federal instalado na cidade, os jornalistas brasileiros e estrangeiros levantavam todo tipo de hipóteses.

Dr. Bernardo Bezsler lembrou que assim como no Império, também na República o verão carioca empurrava o Governo para a quietude da serra, transferindo não só todo o Gabinete Ministerial, mas também as castas da alta sociedade se transferiam de mala e cuia para Petrópolis. Com Getúlio Vargas não era diferente. Assim que o verão começava a assar a pele o gaúcho friorento deslocava o pessoal para lá e ficava até o tempo amenizar. Por isso o Presidente Getúlio Vargas estava ali: fugia do calor, fugia das chuvas que alagavam a Rua do Catete, fugia da barulheira avassaladora do Carnaval, fugia das intrigas palacianas. Quando possível levava também a família principalmente o filho caçula Getulinho de 22 anos e a neta Celina.

Cabia às autoridades policiais da cidade dar o apoio necessário à equipe que tinha a responsabilidade com a segurança do presidente. Por isso Filinto Müller se tornou responsável direto pela nomeação das autoridades de segurança de Petrópolis, tendo escolhido para Delegacia Central da cidade o Dr. José de Moraes, petropolitano descendente dos primeiros colonizadores que satisfazia todas as exigências do cargo. O Dr. Moraes, por sua vez, montou a melhor equipe para a delegacia, usando também pessoas nascidas na cidade e conhecedoras da sua população.

Entre eles estava o estagiário Dr. Bernardo Bezsler, o médico Dr. Jorge Coelho e o bacharel Dr. Roberto Finnstein. Dr. Bernardo e Roberto estudaram juntos desde o ginásio como é comum em cidades como Petrópolis. Depois seguiram curso superior diverso um do outro: Dr. Bernardo optou pelo direito criminal enquanto Roberto foi para ciência, primeiro química, depois física e

passagem pela ciência forense. Essa separação de destinos se quebrava nos encontros sociais e só terminou quando se encontraram diante do Dr. Moraes e então souberam que o Delegado os convidara para participar de sua equipe. Lá encontraram o médico e também amigo Dr. Jorge Coelho, que seria convocado a prestar serviços à delegacia quando fosse necessário, já que ele fazia parte da equipe do Hospital Santa Thereza, cargo que torna qualquer currículo irrepreensível.

O Hospital Santa Thereza foi fundado em 1876 e seu nome é um tributo à Imperatriz, que direcionou a entidade ao atendimento de crianças e dos mais humildes. Esse objetivo fez o hospital ser estimado pela população que recorria a ele quando precisava. A direção manteve o alto nível do instituto e atraía para seus quadros os médicos petropolitanos recém-formados, antes que fossem cooptados pelos hospitais da Capital Federal. A história da medicina da cidade imperial nasceu ali, por isso a população tem orgulho do Hospital Santa Thereza – "*Uma história de amor e dedicação a serviço da vida*".

Dr. Bernardo largou de lado aquela confusão espalhada sobre a mesa e foi se distrair lendo notícias de futebol do Jornal Sportivo, que se limitavam ao rudimentar campeonato local com a disputa entre cartolas dos clubes Vera Cruz, Petropolitano, Serrano e Cruzeiro do Sul em busca de espaço político. Breve nota anunciava que o Campeonato Carioca só iria começar em abril estando o Fluminense focado no bicampeonato. O Flamengo – seu time de coração – tinha reforçado a equipe com vistas a atrapalhar o objetivo tricolor e conquistar o título.

O detetive acendeu um cigarro e voltou ao trabalho se dedicando à peça que mais lhe chamou atenção e curiosidade: há menos de dois anos passados foi aberto o Boletim de Ocorrência de uma queixa contra Otto Nils. Tratava-se de reclamação vinda da Alemanha através do Consulado local feita por alguns familiares de imigrantes que tentavam sem sucesso descobrir o paradeiro de seus parentes.

Um embate se travou entre o próprio Otto Nils – que logo depois seria representado por advogado – e o Delegado Titular da

Delegacia de Petrópolis. A queixa foi traduzida ao português quando se verificou que não procedia do governo alemão, portanto não tinha significado oficial. Aparentemente a representação assinada por Abraão Stern tinha origem na Irgun, identificada como entidade de direitos humanos, mas que na realidade abrigava grupos com fins político-partidários.

A autoridade petropolitana conseguiu algumas informações sobre a Irgun e insistiu na exigência de que fossem apresentados todos os papeis corroborando a movimentação dos imigrantes no território nacional, ao passo que Otto Nils em sua defesa tentava manter o sigilo das atividades da Casa Alemã ao demonstrar que a preservação desses dados era essencial para a segurança dos mesmos, sob o risco de ter a vida ameaçada. Otto tentou desmascarar a Irgun e o próprio Abraão Stern insinuando que se tratava de grupo terrorista a serviço de Hitler. Usou como justificativa também a violência da Irgun contra judeus, similar à que a SS praticava na Alemanha e assim relevava a imperiosa necessidade de proteger os refugiados e seus familiares.

Todas essas notificações davam sustentação a seu argumento, mas há na autoridade a tradição de se impor, portanto nada disso era aceito como definitivo. Enquanto esse embate de interesses e informações se travava houve interferência inesperada da autoridade superior. Por ordem direta vinda da Chefatura de Polícia do Distrito Federal, transmitida em telefonema pessoal ao Dr. Moraes por Filinto Müller, fez com que o processo fosse interrompido e arquivado sumariamente sem que houvesse julgamento. Nas últimas páginas do inquérito sem que fosse demonstrada a razão de qualquer tese defendida pelas partes, o Delegado reproduziu literalmente a ordem recebida e despachou: Arquive-se.

II

No dia seguinte o detetive Dr. Bernardo Bezsler resolveu se equipar mais apropriadamente para levar a cabo o inquérito que lhe foi confiado, antes que seus superiores ficassem livres do Caso Zweig e viessem perturbar a paz do seu trabalho. Primeiro, convocou o colega Roberto Finnstein a acompanhá-lo à Casa

Alemã para evitar novas surpresas. Finnstein, além de detetive investigativo, era especializado em descerrar tudo que estivesse lacrado, o chaveiro ideal para cofres enterrados, veículos acidentados, casas incendiadas. Ademais seria de outras utilidades, pois tinha noções sobre judaísmo e conhecia um pouco a língua alemã de seus ancestrais. Depois Dr. Bernardo Bezsler tirou do armário a câmera Agfa de fole, sacudiu a poeira, fez uma limpeza geral, comprou dois rolos de filme 120W e só então se sentiu preparado para executar e documentar o seu trabalho.

Para evitar as ruas mais movimentadas Dr. Bernardo Bezsler tocou o jipe no rumo do Morro dos Velhacos pela estradinha esquecida que atravessava os bairros Indaiá, Cremerie, Quitandinha, Independência, chega a Duas Pontes e vai desembocar em Valparaíso. Ali tem também um armazém que por tradição fica aberto 24 horas para atender viajantes e notívagos – parada obrigatória para o breve cafezinho, cigarro e bate-papo.

Já pertinho da casa de Otto Nils, depois da Rua da Batata Frita, passaram pela Rua Gonçalves Dias. Em frente à casa de Stefan Zweig havia agora bem menos agitação que no dia anterior. O Café Elegante, bem em frente, teve a freguesia aumentada inesperadamente. Mas no momento circulavam fotógrafos, repórteres, policiais e autoridades. Dois rabinos caminhavam apressados vestindo casaco negro longo, com a cabeça coberta com o tradicional *quipá* ou optando pelo chapéu de feltro de abas retas, trazendo sempre nas mãos o torá ou o rolo de pergaminho com passagens bíblicas. Dr. Bernardo Bezsler dirigindo o jipe passou direto, sem deixar de fazer um comentário ao colega:

– Que rolo hem Roberto? Não queria estar na pele do Delegado Moraes tendo o Dr. Getúlio, ministros, padres e rabinos grudados nele. Até pra enterrar o homem é uma dificuldade. Os judeus querem fazer do jeito deles, os católicos no ritual próprio, por sua vez o Dr. Getúlio não pode deixar de atender à ordem da mulher católica e, claro, dona Darcy acaba ganhando.

– Nem me fala – disse Finnstein. Ainda tem mais: jornalistas que chegam de todo canto do mundo, cada qual quer uma coisa, e temos que nos virar para atender, autoridades consulares,

amigos, editores – rapaz é muita gente! Por aí se vê que o homem era famoso mesmo. Imagina que até a autópsia foi feita às pressas e no próprio local para acelerar o desfecho e literalmente enterrar todas as especulações. Ninguém quer saber de detalhes, ainda mais quando um repórter mais afoito levantou suspeita de assassinato a mando de Hitler. Só faltava essa.

– Bom, deixa isso pra lá, vamos cuidar da nossa vida.

Dr. Bernardo Bezsler diminuiu a velocidade, dobrou à esquerda e desceu a pequena ladeira que o levaria à Casa Alemã. Estacionou o jipe, mas se dirigiram primeiro à padaria para tomar mais um cafezinho. Depois de acender o cigarro, bateram à porta. Dona Ifigênia já havia chegado e recebeu a ambos com um bom dia menos triste, estava mais esperançosa e calma que no dia anterior. O café recendia sobre o fogão, portanto eles não puderam recusar o oferecimento e repetiram a dose. Haja cafeína!

Após cumprir o rito social, perguntando a dona Ifigênia se ela tinha dormido bem, sobre sua saúde, Dr. Bernardo apresentou o seu colega Roberto Finnstein explicando qual seria a função dele:

– Trouxe o meu colega, também inspetor de polícia, para o caso da senhora não ter encontrado as chaves. Ele abre qualquer fechadura sem precisar quebrar nada.

– Pois estava aqui imaginando como dar a notícia ao senhor, Dr. Bernardo, pois não encontrei mesmo. De todas as chaves que tenho aqui nenhuma abre a fechadura daquela porta danada.

Dr. Bernardo ia fazer a dona Ifigênia uma observação sobre o uso da expressão “doutor”, mas achou por bem não complicar as coisas. Estava ansioso para iniciar e terminar o trabalho. Acompanhou a senhora à mesma porta que tinham visto no dia anterior, mostrou ao colega as grades de ferro, a corrente, o cadeado:

– Taí, Roberto. Esse é o problema que você tem de resolver.

Roberto pegou a valise que guardava os equipamentos, escolheu um pequeno molhe de pinças de aço, foi enfiando, ajustando, mexendo e em pouco tempo se ouviu um click e o cadeado abriu. O mesmo rito se repetiu com a fechadura da porta que logo estava também aberta. A ferrugem fez ranger as dobradiças e tiveram que forçar para que ela se escancarasse de par em par. Em seguida seguiram todos para cima, enfrentando mais um lance de escadas. Dr. Bernardo não teve como negar a dona Ifigênia o acesso àquele local, mesmo porque poderia precisar de sua ajuda. A presença da senhora também era necessária para servir de testemunha da legalidade do procedimento policial.

Finda essa primeira etapa Roberto Finnstein entrou no aposento marcado como "1 direito". Era um espaço meio caótico cercado de estantes cheias de livros – a maioria deles em língua alemã – mais ao lado havia uma mesa tipo escrivaninha, com máquina de escrever, volumes abertos com marcadores, muitos jornais inteiros e recortados, pilhas de papeis escritos à máquina e manuscritos, folhas em branco, tudo muito empoeirado. Dr. Bernardo Bezsler se dirigiu a dona Ifigênia só para confirmar o óbvio:

– Dona Ifigênia, faz muito tempo que o seu Otto não usa este espaço, não é?

– É verdade, respondeu ela. Quer dizer, esteve usando bem pouco. Como disse ao senhor ontem, depois que ficou adoentado de uma isquemia que paralisou levemente o lado esquerdo, seu Otto deixou de lado este andar e resolveu não receber mais ninguém na casa. E também poucas vezes me deixou subir para limpar e arrumar as coisas, apesar da minha insistência.

Dr. Bernardo com deu um olhar ao seu colega Roberto pedindo socorro. Os dois tentavam entender o que aquela biblioteca dizia, o que representava a quantidade de revistas, livros, boletins, folhetos que estavam empilhados sem ordem e critério. Ao lado tinha uma gaveta cheia de cartas em seus envelopes rasgados na extremidade, páginas largadas como folhas avulsas, um caos!

– Não, não dá pra levantar tudo isso, disse Dr. Bernardo. Isso é assunto pra bibliotecário e não pra policial. O que vou fazer é relatar o que foi observado e fazer a amostragem.

Roberto mexeu na papelada, nos livros e conseguiu ler alguns títulos, que foi ditando para Dr. Bernardo. Revistas: Deutsche Illustrierte, Der Adler (Luftwaffe Magazine), Signal, Freude und Arbeit, Der Schulungsbrief, Die Wehrmacht, Lustige Blatter, *Neues Volk.*

– Essa é uma publicação mensal do Escritório de Política Racial do Partido Nazista. É o que diz aqui. Tiragem de 300.000 exemplares. Exalta e promove as virtudes da Raça Ariana, aponta deficiências no povo judeu e em outros grupos raciais. Aqui tem alguns recortes de jornais com poemas de Nelly Sachs. Agora vou te passar os nomes de alguns livros e panfletos. Anota aí: Hermann Esser: Die jüdische Weltpest, Der ewige Jude; E. H. Schulz und R. Frercks: Warum Arierparagraph? Ein Beitrag zur Judenfrage; Die Geheimnisse der Weisen von Zion; Karl Baumböck: Juden machen Weltpolitik; Nationalpolitische Aufklärungsschriften #16.

– Chega! Chega! – gritou Bernardo. – Já basta! Isso é suficiente para dar uma ideia do que achamos aqui. O que posso anotar aqui como tema geral dessa papelada?

– Aqui tem de tudo. Propaganda nazista, panfletos sionistas em defesa da fundação do estado de Israel, denúncias de campos de concentração, divulgação de acordo entre sionistas e nazistas contra *assimilacionistas*. Tem até o Protocolo dos Sábios de Sião, obra anônima que o nazismo usa para abonar conceitos arianos e assim legalizar os atos repudiados pela comunidade mundial. Rapaz isso é dinamite pura!

Na escrivaninha havia uma gaveta exclusiva para guardar cartas recebidas. Também tudo jogado desordenadamente: tinha cartas soltas, ainda no envelope aberto pela lateral, envelopes vazios. Dr. Bernardo Bezsler pegou tudo, deu uma arrumada somente para alinhas as folhas juntas e meteu o calhamaço

dentro de um grande envelope pardo. Subscreveu "CARTAS", lacrou e deu a Roberto:

– Amanhã ou depois daremos uma olhada nisso tudo. Se você puder ordena tudo por datação. Vamos ver somente as cartas mais recentes, mais próximas da morte do seu Otto.

Dona Ifigênia, que tinha saído discretamente, voltou trazendo nas mãos uma bandeja desmesurada com bules de chá, leite e café, travessas com biscoitos amanteigados, enormes torradas fritas na banha de porco à moda alemã, o que obrigou a dupla paralisar de imediato as tarefas para desfrutar o lanche improvisado. Já se aproximava do meio-dia e ainda tinha muito trabalho pela frente. Após o lauto festim com direito a cigarro e descanso rápido os dois policiais desmediram agradecimentos aos talentos de dona Ifigênia, sem o qual teriam que enfrentar o pão cascudo e a mortadela da padaria ao lado se não quisessem morrer de fome.

– Dona Ifigênia só a senhora para nos tirar a barriga da miséria. Faz tempo que não como um lanche tão delicioso, sabe, esse trabalho de polícia é só sangue, desastres, roubos e crimes. Agora, graças a Deus terminamos aqui e só falta aquele corredor ali. Por acaso a senhora sabe o que tem?

– Pelo que sei está tudo abandonado. Era lugar que servia de habitação temporária para as pessoas que exigiam mais discrição. Os imigrantes que estavam nessa condição eram alojadas ali quase em anonimato. Certo tempo depois ficou sem préstimo algum e seu Otto mandou o pedreiro fazer obras aqui e acolá. Mais um ano ou dois tudo ficou mais descuidado ainda. Então este espaço criado para receber refugiados e fugidos das guerras já não tinha função alguma. Para consumar a falência do local seu Otto mandou retirar a tabuleta da Casa Alemã.

– Acho que desta vez enfim terei direito a me aposentar. – disse dona Ifigênia com um largo suspiro.

Antes de prosseguir ela abriu a porta da sala gêmea, oposta à que eles acabaram de examinar: o local tinha também três

janelas que dava para a rua e estava mais vazia de objetos. Bernardo Bezsler deu uma olhada nos únicos móveis presentes: a prancheta de desenho com luminária e a bancada de três metros e meio de comprido arrumada ao lado da mesa, ambas entulhadas de material de arquitetura, réguas, plantas, canetas, vidros de tinta nanquim. Fora isso a sala tinha duas banquetas de madeira sem verniz, ao que parece destinadas a empilhar papeis e outros objetos largados do que acomodar alguém. As paredes nuas de qualquer peça exibiam plasmas de mofo úmido esverdeado e negro.

Roberto Finnstein tratou logo de identificar por alto a parafernália usada por arquitetos e engenheiros espalhada entre a mesa de desenho e a bancada que seguia paralela: gabaritos de quadrados e círculos, chapa de rasuras (mata gato), goniômetro universal, réguas quadriculada, em T, réguas retas e antropométricas, vários tipos de esquadros retos e curvos, estiletes e canetas especiais, rolos de papel vegetal, folhas de papel milimetrado, compassos, tinta nanquim, tubos para guardar projetos, entre a quantidade de pequenos objetos de uso diverso. Vários desenhos ou projetos ainda permaneciam esparramados pela bancada como se tivessem sido examinados há pouco tempo.

Superada essa etapa, os três passaram para o próximo local. Antecedendo o último aposento encontraram outro obstáculo: uma porta de madeira maciça encimada com um arco decorado com a estrela de Davi. Ao que parecia só depois de ultrapassado o portal teriam acesso aos outros cômodos do final daquele andar. Dr. Bernardo Bezsler nem perdeu tempo perguntando à senhora sobre as chaves. Abaixo da estrela havia uma inscrição em língua que o detetive desconhecia:



דכאו´

– Isso parece escrito em hebreu ou coisa parecida – disse Bernardo.

– É coisa parecida, respondeu Roberto Finnstein meio irônico: é iídiche. Como o hebraico, o iídiche também tem caracteres similares, escritos da direita para esquerda. A expressão é: Dachau.

Enquanto Roberto Finnstein se encarregava da fechadura – dona Ifigênia desta vez nem tentou usar o molhe de chaves – Dr. Bernardo Bezsler preparou a máquina fotográfica para tirar algumas fotografias. Abriu a caderneta e anotou: 1) foto do portal de entrada do segundo andar – e foi numerando e descrevendo assim todas as imagens que registrava. Logo em seguida tiveram acesso a duas fileiras de cômodos paralelos à direita e à esquerda no mesmo formato que o térreo. Um longo corredor se estendia, até a escuridão turvar a visão, mas no lusco-fusco dava para perceber que havia seis ou sete portas de cada lado, frente a frente. Pediu a dona Ifigênia que acendesse as luzes, depois começou a fotografar e anotar tudo na cadernetinha.

– Repara Bernardo – disse Finnstein – do lado direito de cada portal está pendurado um pequeno rolo de pergaminho. É chamado *klaf* e contém passagens bíblicas em dois textos escolhidos como ordena o *mezuzah* para proteger a morada e moradores.

III

– As plantas! As plantas! – disse Dr. Bernardo segurando o braço de Roberto.

Eles tinham acabado de acessar o último recinto do segundo andar. O corredor comprido tinha pouca iluminação mesmo com as luzes acesas. O ambiente mais parecia o de uma velha fábrica abandonada. Dois corredores laterais totalmente isolados seguiam paralelos até o fim do andar que se abria para um pátio. Toda a extensão não cobria mais de seis metros e se abarcava a uma vista. O pátio descoberto tinha apenas dois tanques de concreto de uns dois metros de altura e um velho gasogênio com as instalações aparentes visíveis ainda conectadas ao aparelho principal, mas tudo estava claramente sem uso.

Dona Ifigênia acompanhava tudo tentando explicar isso e aquilo, mas suas explicações se tornavam disparates ao olhar arguto do profissional. Na verdade quanto mais a senhora tentava demonstrar conhecimento mais se distanciava da realidade. Mas no âmago tudo se tratava de um misterioso problema ainda por elucidar.

– Dona Ifigênia faça o favor de vir aqui – disse Roberto – esta máquina, este aparelho é um gasogênio. A senhora viu alguma vez esse dispositivo funcionando?

– Lembro sim de ter visto seu Otto subir até aqui para ligar esse negócio principalmente quando faltava energia. É daí que saía a energia para as lâmpadas quando faltava eletricidade. Alguma vez também o seu Otto usava o forno para assar um porco, um leitão, um peru mais raramente. Na maioria das vezes, porém o seu Otto vinha pra cá sozinho, tarde da noite.

Roberto chegou com as plantas e assim puderam identificar as construções a que dona Ifigênia tinha se referido. No meio da papelada Roberto e Dr. Bernardo conseguiram reconhecer os desenhos e modelos que deram origem à obra separando-as das demais. Mas o a identificação parou por aí – nada daquilo que viam aparentava com as construções modernas. Ninguém conseguiria chegar a outra conclusão que não fosse a primeira impressão: tudo aparentava tratar-se de uma unidade fabril desativada. Melhor dizendo: a miniatura de uma planta industrial, pois o espaço em que eles estavam era exíguo, quase inaproveitável.

– Dona Ifigênia, a senhora tem alguma lembrança para quê o seu Otto fez essa construção? Qual finalidade que tinha essas salas? O quê se fazia aqui?

– No começo isso não era assim fechado – apontou para as paredes. Era um conjunto de quartos para recolher e abrigar os hóspedes. Pelo que sei todos esses refugiados chegavam aqui saídos de todo lugar da Europa, do Leste, da Rússia. Não eram imigrantes como eu e o próprio seu Otto. Nossas famílias vieram para cá a convite do governo brasileiro. Eles não.

Roberto e Dr. Bernardo se olharam tendo a mesma impressão sobre a fala de dona Ifigênia. Havia muito de ressentimento e uma imprecisa fatia de discriminação no tom magoado da voz, guardando um ódio ambíguo. Antes que se esquecesse do detalhe que logo lhe veio à mente e aproveitando do inusitado da situação, Dr. Bernardo falou:

– Dona Ifigênia, para terminar o trabalho da polícia é preciso saber o seu nome completo e o seu endereço. É apenas formalidade para os arquivos sobre a morte do seu Otto. Não agora, mas antes de sair pegarei esses detalhes.

Depois de fotografar todo aquele ambiente esdrúxulo Roberto e Dr. Bernardo voltaram à sala de arquitetura onde encontraram as plantas e desenhos fuçando os pequenos espaços em detalhes no intento de alguma descoberta. Na verdade faziam uma varredura minuciosa com objetivo de achar um propósito que justificasse a existência daquele ambiente estranho a tudo que já tinham visto. Mas nada de novo encontraram: revisitaram as mesmas plantas, desenhos de arquitetura, papeis usados e em branco, tudo que já tinham visto.

Passaram à sala onde tinha a biblioteca e servia de escritório ao senhor Otto e de novo examinaram tudo com mais detalhe invadindo as minudências, os escaninhos mais acanhados, o lugar insignificante onde se escondiam ínfimos pormenores buscando as miudezas e particularidades entre poeira e teias de aranha. Dona Ifigênia os acompanhava com um terceiro olhar tentando sem sucesso alcançar o pensamento investigativo, querendo decifrar os mistérios, decodificar a abrangência de tudo que ocorria à sua frente, mas teve que se entregar à evidência: era-lhe impossível deduzir as razões daquele procedimento. Resignada falou aos policiais:

– Bem, vou até lá embaixo preparar um chá para mim. Vocês estão convidados, é claro, só preciso de meia hora. Ia dizer algo assim como fiquem à vontade, mas logo se deu conta da inconveniência desse detalhe ante o poder imposto pela autoridade com que os dois detetives agiam.

Foi Roberto quem primeiro se deu conta de um livrinho que ambos já tinham visto na inspeção anterior. Mas agora o olhar era diferente e estava mais atento aos detalhes e prontos a observar a mesma coisa de modo distinto. Roberto alertou Bernardo sobre a descoberta:

– Dá uma olhada aqui.

Dr. Bernardo folheou a publicação lentamente, os dois de olhos grudados em cada página pescando detalhes ainda não vistos e quando alcançaram as páginas de ilustrações encontraram fotografias, desenhos de plantas, fotos dos locais como eram no original, as alterações propostas, tudo de modo visual com um pouco de texto em alemão, os dois amigos se cumprimentaram satisfeitos.

– Isso aqui é parecido com aquilo ali? Roberto mostrou uma fotografia da unidade de Dachau.

– É isso! É isso aí camarada! Só que em escala menor. Dachau era uma fábrica de munição desativada, portanto muito maior, mas a aparência é a mesma.

O odor do chá subiu as escadas e atiçou as narinas e estômagos vazios. Eles desceram mesmo sem dona Ifigênia convidar, mas tudo já estava pronto e os dois se sentaram à mesa sem cerimônia. Dona Ifigênia até sorriu ante o atrevimento e não pôde evitar que seu pensamento vagasse pelo passado recente quando era obrigada a aturar as inconveniências de alguns hóspedes ignorantes que chegavam até a Casa Alemã.

– Vocês parecem duas crianças! Mas também se comportam como algumas pessoas que chegavam aqui vindas das províncias, trazendo a bestialidade dos camponeses em vez de se comportar como gente civilizada. Quanta gente inoportuna e censurável que agia de forma imprópria eu tive que aturar a pedido do seu Otto. Ainda bem que tudo acabou.

Depois que disse essas palavras dona Ifigênia se deu conta da censura indevida e pediu desculpas.

– Bem vocês não são como eles – está claro – mas que parecem duas crianças, isso parece sim! – disse a senhora repetindo o sorriso maternal que sempre dava quando se desculpava levando os dois a abrir um riso franco.

– Dona Ifigênia aquele último local que examinamos, onde tem o gasogênio, os tanques, os salões lado a lado, ali tem uma entrada que não achamos. Foi um exame rápido, é verdade, assim teremos de vasculhar o local outra vez. Pensamos que esse trabalho acabaria hoje, mas precisamos de mais tempo.

Dona Ifigênia apenas assentiu conformada quanto à impossibilidade de evitar a ação da polícia. Enxugou as mãos no avental e vendo que Dr. Bernardo e Roberto se voltaram outra vez ao exame do livro se retirou do recinto. Na verdade as "crianças" estavam excitadas com a descoberta que tinham feito e era essa a razão do riso, mas dona Ifigênia não se deu conta – não sabia de nada. O café foi acompanhado de algumas palavras de Roberto que tentava traduzir as letras góticas com que o texto foi impresso.

– Bernardo olha só isso:

"A Unidade de Dachau foi criada em março de 1933. Foi o primeiro campo do Governo Nacional Socialista. A princípio a finalidade era treinar membros da SS. Funcionou tão bem que a organização física e administrativa de Dachau serviu de modelo. A unidade era dividida em duas seções: espaço de hospedagem e área de crematório. O recinto de acolhimento consistia em 32 quartos para presos e poucos restritos a médicos para experiências científicas".

"A administração da unidade ficava na portaria da entrada principal, depois os prédios auxiliares da cozinha, lavanderia, tanques, chuveiros coletivos e oficinas. A prisão abrigava toda sorte de gente: Ciganos, Testemunhas de Jeová, Homossexuais, Judeus, Católicos, Prostitutas, enquadrados em acusações como

comportamento antissocial ou marginal fora do padrão nazista. Tinha gente de toda origem: polacos, ucranianos, romenos, alemães, franceses, russos, austríacos".

"Depois construíram câmaras de gás que tinham portas hermeticamente fechadas com o interior impregnado de gás, para testar o processo de assassinato em massa, torná-lo mais eficiente e menos traumático".

– E assim vai até o fim – disse Roberto. Agora vê só as figuras que assinam o texto: Reinhard Tristan Heydrich, Heinrich Luitpold Himmler e Odilo Lotario Globocnik. O que você acha? Será que estamos diante da réplica em miniatura do Campo de Dachau?

– Porra! – respondeu Dr. Bernardo – nós estamos pensando igual demais. Vê aí qual o nome dessa publicação.

Roberto folheou o livrinho e não encontrou nada. A publicação estava sem capa, não tinha folha de rosto, nada. Na verdade não era publicação feita por editora. Era coisa de alguma entidade. Só na última página em letras miúdas ele achou algo escrito que pudesse identificar o folheto.

Freiheit und Brot!
Bedienungsanleitung - Bau der Umerzihung Einheiten NSDAP Feinde
Rebellen, Juden, Zigeuner, Dirnen, assimiliert vom Führer verurteilt



– Bem, disse Roberto, a publicação abre com o slogan: Liberdade e Pão! Em resumo e mal traduzindo é um manual de instrução para a construção das unidades, para que servirá e a quem se destinará. Aqui diz que será para reeducação de judeus, ciganos, comunistas e opositores do regime. Mas já se tem notícia dada como certa – não é boataria – que se tratava de campo para neutralização e eliminação de todos os opositores.

– Droga! – exclamou Dr. Bernardo – e eu que pensei resolver isso em pouco tempo pra ver se encontro alguma brecha no Caso Zweig, já vi que isso aqui é um ninho de maribondo.

Companheiro, vamos ter que fazer uma reunião com Dr. Moraes para explicar direitinho toda essa história, tintim por tintim.

– Bem pensado – disse Roberto – a coisa pode crescer e fugir de controle. Precisamos também de uma ordem de vistoria para a residência de dona Ifigênia não acha?

Dr. Bernardo concordou com o colega e antes de sair – sem sequer se dar conta da cara de perturbação e assombro que a senhora fez ao ouvir o inesperado palavrão – anotou na cadernetinha o nome e endereço completos ditados por dona Ifigênia com visível má vontade.

Os dois policiais na verdade e no íntimo pensavam em limitar as deferências a dona Ifigênia depois que ela os igualou aos refugiados e deu sinais de discriminação. Fizeram as despedidas formais, agradeceram o lanche e seguiram contentes para a delegacia levando as plantas, a publicação sobre Dachau e a imprescindível cadernetinha de Dr. Bernardo com as notas e observações feitas.

– Depois de revelar as fotos nós teremos em mãos um farto material para analisar – disse Dr. Bernardo. – Notou o comportamento de dona Ifigênia? Aquilo é jeito de falar? A santinha está botando as unhas de fora.

– Você fez bem em pegar a identificação dela. Vamos varrer. Vamos fazer uma varredura.

IV

– Bom dia Dr. Roberto Finnstein! – disse Dr. Bernardo dando tom solene ao cumprimentar o colega. – Levando trabalho pra casa? – A ironia foi por conta de encontrar Roberto de manhã cedo já debruçado sobre a pilha de cartas encontradas na Casa Alemã. Roberto examinava a correspondência de Otto Nils e ao mesmo tempo escrevia comentários em folhas de papel à parte.

– Sabe que levei mesmo? Isso porque preciso de um dicionário para decifrar esse texto que tem muitas falas regionais

– disse Roberto. – O meu alemão é mais oral do que literário. Aprendi com meus avós e meus pais a fala cotidiana, agora escrever e ler é outra coisa.

– Espera um pouco, vou pegar café. Você quer café ou mate?

– Mate. Traz uma lasquinha de limão também, por favor.

Alguns minutos depois Dr. Bernardo chegou com duas xícaras soltando fumaça: uma de café, outra de mate, com uma casca de limão dentro. A manhã estava fria e úmida, mas sem chuva. Mais cedo caíra aquela garoa comum das serras que logo se transforma em névoa para se dissipar escorrendo grudada por sobre os montes.

– Você tá com uma cara! Dormiu mal?

– Ara! Sabe o que é amanhecer tendo que dar bronca na filha, mesmo estando com vontade de fazer um carinho? Coisa de escola. Namorados. Adolescentes. Já te aconteceu isso?

– Todos os dias. Sempre. Se servir de consolo, não é exclusividade tua. E ainda temos muito tempo à frente para aturar as nossas crianças. Mas o que temos aí nessa maçaroca de papel?

– Aqui tem de tudo: é um saco de gatos. Correspondência com entidades tanto sionistas quanto nazistas. Em princípio logo reparei que o senhor Otto Nils recebia – ou fingia receber – instruções e ordens de tais entidades. Sabe aquele cara que não nega nada para ninguém e tira proveito de tudo?

– Ah, um agente duplo.

– Mais ou menos isso. Atende a todos e também recebe dinheiro de todos. A atuação dele foi reconhecida como útil por uns e recebida com desconfiança por outros. Juntando tudo tem suficiente material para dar como suspeita a morte de Otto Nils e iniciar um processo. Associação ao Nazismo, Associação ao

Sionismo, imigração irregular, etc. E a pergunta que não quer calar: Onde estarão os refugiados, exilados e imigrantes que a Casa Alemã acolheu nesses anos de atuação?

– Ai meu Deus! Eu que estava feliz por não estar no caso Zweig e agora você me vem com essa!

– Lamento muito Sherlock Holmes, mas o Dr. Watson está aí para confundir, para dificultar. – Roberto respondeu com uma gargalhada e deu um gole no mate quente com limão: – Está delicioso!

– Entretanto caro Watson – Dr. Bernardo entrou no clima dos mistérios de Conan Doyle – antes de tomar qualquer iniciativa é importante marcar reunião com o Dr. Moraes e pôr o Delegado a par de tudo. Sem isso nada será possível.

– Claro, é claro. Mas me deixa concluir tudo aqui, farei também um relatório sucinto só com o estrito, o substancial, porque sabemos que o patrão odeia a prolixidade dos registros alongados. Antes de entregar tudo a ele vamos fazer uma leitura conjunta.

– Eu também irei fazer algumas anotações e dar telefonemas como quem não quer nada, falar com os vizinhos de nossa querida Maria Ifigênia Malman.

– Só para estimular a tua curiosidade, dá uma olhada neste recorte com texto sublinhado que achei entre as cartas. É de um jornal inglês de 1938 que entrevistou Ben Gurion líder do movimento Sionista Trabalhista e hoje Chefe de Estado israelense:

"Se eu fosse escolher entre salvar todas as crianças judias da Alemanha trazendo-as para a Inglaterra ou apenas metade delas levando-as para Israel, eu escolheria a segunda opção, pois tenho de levar em consideração não apenas a vida das crianças, mas também a história do povo de Israel".

– Caramba! Isso tá cheirando a infanticídio. A bíblia tá cheia de histórias assim. É muito fanatismo. Onde já vi isso? Hum,

deixa ver. Herodes? Evangelho de Mateus? O massacre dos inocentes?

– Na verdade vem bem de antes meu caro. Vem do Antigo Testamento, Jeremias:

"*Em Ramá se ouviu um grito, um coro amargo de imensa dor. É Rachel a chorar por seus filhos – e não quer ser consolada porque eles não mais existem".*

– Como é bom ser amigo de gente culta, instruída!

– A etapa subsequente ao processo de "*desassimilação*" foi a transferência de contingentes significativos de judeus para a Palestina. Rudolf Kastner, outro nobre paladino do sionismo foi de fato quem negociou pessoalmente com Eichmann a deportação dos judeus da Hungria para a Palestina. Mas em troca de quê?

– Dr. Bernardo, além da ambiguidade de comportamento – vamos dizer assim: o nosso querido defunto Otto Nils ignorou várias reclamações e pedidos oficiais para fornecer endereços de imigrantes acolhidos pela Casa Alemã. Não existe nenhuma indicação que ele tenha se dado o trabalho de responder a essas cartas e ofícios. Em nenhum dos pedidos ele anotou "Respondido", não datou e rubricou como procedia com a correspondência em geral.

– Vai anotando, vai anotando. Vamos encher a cabeça do Dr. Moraes com todos esses detalhes pra ver se ele se anima, esquece um pouco o caso Zweig e nos dá uma força. Aqui tudo indica que havia algo tipo: Palestina ou Morte!

– Falar em Stefan Zweig, olha aqui a maior surpresa que tive: encontrei duas cartas remetidas por ele da Inglaterra para Otto Nils, ambas são de 1938. Stefan Zweig andava na corda bamba entre sionistas e partidários da assimilação – ele mesmo era um destes. Sua família desde há tempos havia assumido a nacionalidade austro-húngara. Ele próprio se considerava austríaco, ali fez os estudos e foi da Áustria que se lançou ao mundo.

– Otto trocou cartas com Stefan Zweig? Não brinca! A nossa querida Ifigênia nem sequer nos deu uma dica, não é? Vai ver é esquecida ou acha que não nos interessa.

– Ocorre que Stefan Zweig, por conta do arresto de bens de família, sempre bateu de frente com os sionistas ainda que tivesse amigos entre eles. Ele sabia do acordo entre sionistas e nazistas consolidado com o Haavara e chegou aqui gravemente abalado após saber que seus bens tinham sido incluídos no programa *Kapitaltransfer nach Palæstina*. O informe com a participação de judeus notórios saiu no *Jüdische Rundschau* em nota assinada por Leopold von Mildenstein e Kurt Tuchler. Neste caso soava como se fosse iniciativa espontânea da família Zweig doar alguns bens em favor do Estado de Israel.

– Não é verdade que Dr. Bock, advogado e contador da família desde o tempo do velho Moritz foi dado como desaparecido, mas estava prisioneiro da SS e depois foi encontrado em total alienação a bordo do M/V Sierra Ventana com destino a Buenos Aires?

– Isso é que se pode chamar golpe de mestre – disse Dr. Bernardo. Vou ver se consigo agendar a reunião com o Dr. Moraes antes que seu Getúlio ou Dr. Filinto Müller tome nossa dianteira.

Poucos minutos depois Dr. Bernardo acenou da porta chamando Roberto para a reunião. Pelos gestos ele estava com pressa. Roberto tentou se armar com as cartas e notas, mas Dr. Bernardo sinalizou para largar tudo:

– Vai ser apenas uma conversa. Depois apresentaremos o resultado da investigação junto com as evidências. Vamos, vamos, antes que doutor Moraes seja chamado. Ele terá reunião com o Filinto Müller e o delegado do Distrito Federal.

Os dois detetives se postaram diante de uma grande mesa entulhada de papeis por ler, despachar e assinar. Dr. Moraes estava ao telefone e falava pausadamente. Fumava um charuto à moda Getúlio, soltando baforadas para o alto e batendo a ponta

no cinzeiro de cristal. Mas não se tratava de imitação, não: Dr. Moraes sempre gostou de fumar charutos baianos Suerdieck principalmente nas horas mais tensas. Era jeito de relaxar um pouco, de jogar fora a pressão que caía sobre seus ombros.

Com o enorme charuto Suerdieck na mão direita apontando para os dois ele fez um gesto para que se acomodassem nas poltronas de couro diante da mesa. Falou mais alguns segundos, se despediu do interlocutor e cumprimentou a ambos com forte aperto de mão:

– Então rapazes, o que temos? Não pensei que recolher defunto fosse coisa grave – disse com ironia.

Dr. Bernardo tomou a iniciativa e explicou de memória a atuação da equipe, ressaltando cada movimento novo que surgia e merecia suspeição. Dr. Bernardo interviu nos espaços deixados e assim conseguiram montar uma visão de tudo que havia sido investigado. Como desfecho, deixaram bem claro a necessidade de estender a sindicância, ir mais fundo para averiguar os detalhes que faltavam e preencher o vácuo que existia entre um fato e outro.

– Temos necessidade de autorização para busca e apreensão de documentos em pelo menos dois imóveis. Para interrogatório e depoimento também.

O telefone tocou. Dr. Moraes colocou a mão sobre o aparelho, mas antes de atender recomendou aos policiais:

– Tudo bem, tudo bem, Dr. Bernardo e Roberto, sigam em frente. Peguem as autorizações necessárias, tomem as providências cabíveis, tudo que for preciso. Só peço que me mantenha informado. E cuidado com os detalhes: hoje em dia caminhamos pisando em ovos. Os Judeus nos acossam, os Nazistas e Fascistas nos provocam, os Aliados nos pressionam. Dr. Getúlio está no meio do fogo cruzado entre acusações e promessas. Nós estamos aqui para protegê-lo dessa artilharia.

O telefone insistiu, tocou mais duas vezes. O Delegado pegou o fone e atendeu:

– Quer aguardar um momento, por favor?

– Querem saber da notícia em primeira mão? Vamos entrar na guerra ao lado dos Aliados. Só que o Dr. Getúlio não quer que o Brasil saia de mãos abanando. É questão de detalhes. Então vamos direcionar nossa atuação tendo esse objetivo em mente. Ah, essa notícia é confidencial, hem? Fica só entre nós.

Estendeu a mãos a ambos se despedindo:

– Sigam em frente, continuem. Quem sabe não sai alguma coisa disso tudo? Estou precisando de resultados, de tarefas que tragam crescimento à nossa cidade, à nossa delegacia. Em frente, em frente!

Os dois colegas saíram tendo a roupa, os cabelos e as mãos impregnados com o perfume do charuto Suerdieck.

V

De posse da papelada que os autorizava a expandir a investigação sobre Otto Nils, que também incluía dona Ifigênia Malman, Dr. Bernardo e Roberto tomaram rumo da Casa Alemã. Mais uma vez Dr. Bernardo preferiu dirigir pelas ruas desertas e tranquilas do Morro dos Velhacos, ainda que o itinerário, que cruzava vários bairros pela estradinha, fosse mais demorado. Assim tiveram tempo de montar uma estratégia para o dia. Enquanto transitavam pelas casas recém-acordadas – os moradores de Indaiá e Quitandinha apenas iniciavam o labor cotidiano – os policiais trocavam ideias e comentavam algumas descobertas.

Dr. Bernardo relembrou da comparação que fez entre as fotos de Dachau e as tiradas por ele no dia anterior:

– Essa construção da Casa Alemã me deixou zonzo. Dá uma olhada nessas duas fotos! Estou impressionado com a aparência

dos prédios. Pode se dizer que um é a maquete do outro. E mais: qual seria o objetivo de tudo isso? Será que o Otto Nils ficou maluco depois de velho? É uma coisa a indagar a dona Ifigênia. Aliás, por inteiro e com toda pompa: dona Maria Ifigênia Malman.

Roberto pensativo corria a vista pelas ruas arborizadas de Independência e por fim resolveu fixar os objetivos do dia:

– Dr. Bernardo, o melhor a fazer hoje é a gente se dividir. Enquanto você conversa com dona Ifigênia na Casa Alemã eu trato de fazer a varredura na residência dela. A autorização que nos foi dada não exige a presença de ninguém, ademais posso dizer que não a encontrei em casa. Dona Ifigênia mora sozinha no mesmo bairro na Rua Coronel Land que é logo ali, depois de passarmos por Duas Pontes. Vamos tomar o tradicional cafezinho do armazém e de lá você telefona para dona Ifigênia para ter certeza de que ela está na Casa Alemã. Então descemos a ladeira, fico na Rua Coronel Land e você segue em frente. Que acha?

– Feito – respondeu Dr. Bernardo sem mais comentários.

Dr. Bernardo ainda passou pela Rua Gonçalves Dias e vendo algum movimento parou para beber um chá no Café Elegante. Tinha pouca gente de cara estrangeira, apenas repórteres e escritores teimosos acostumados a furos e histórias de mistério, habituados a tirar leite de pedra. Ali seria o local ideal para descobrir coisas, por isso Bernardo agendou de memória fazer uma visita ali com Roberto. Depois seguiu em frente, chegou a Casa Alemã e cumprimentou dona Ifigênia, usando a tática de pacificar a cabeça dela:

– Acho que hoje encerraremos nosso trabalho.

Dona Ifigênia não respondeu nem pensou em indagar por que Dr. Bernardo viera sozinho. Ele aceitou outro café – a vida estressante de policial vicia e exige altas doses de cafeína – e ambos escalaram as escadas para o segundo andar:

– Dona Ifigênia, é imperioso examinar a entrada daqueles dois últimos cômodos para instruir o processo. Somente a senhora

pode me dar condições de acessar o interior dos mesmos. Espero que não tenha de trazer o Dr. Roberto de novo para abrir as fechaduras.

Mas Dr. Bernardo não iria precisar de chaves. Dona Ifigênia o levou até os fundos na pequena área onde terminava o andar. Ali foi construído um falso muro em forma de L de onde se conseguia acessar a entrada das alas. Na primeira olhada o detetive viu que o recinto era bem menor do que aparentava e tinha apenas duas divisórias. A iluminação deficiente tinha como origem dois retângulos no teto cobertos por telhas de vidro transparentes. A abertura da entrada de ar – se pode ser chamada assim – consistia num filamento quase invisível existente entre a parede e o telhado, que somente era visto porque um tênue facho de luz se infiltrava dali.

Aquele não seria local adequado para ser habitado porque nenhum ser humano suportaria a falta de circulação de ar, nem o frio congelante do inverno, nem tampouco o calor dos dias de verão. Ademais o cheiro de mofo delatava a existência de fungos e bactérias – só Deus sabe lá o mal que isso acarreta aos pulmões de cada um, crianças ou idosos. Instalações sem uso interligavam o gasogênio ao ambiente por uma entrada tubular que agora estava vedada com cimento.

Aliás, a existência do gasogênio ainda era um mistério. Para que serviria? Como aquecedor? Como fornecedor de luz e gás como justificou dona Ifigênia? A única coisa que poderia ser confirmada é que havia ligações tubulares que indicavam conexão com aqueles diminutos recintos. Dr. Bernardo Bezsler tratou de fotografar tudo em mínimos detalhes e teve que usar o flash para tirar fotos do interior. Na área do lado de fora convidou dona Ifigênia para aparecer em algumas fotos ao que ela vaidosa acedeu sorridente e com prazer.

Dr. Bernardo só por obrigação de trabalho repetiu todo o serviço, bem devagar, no recinto que fora construído ao lado desta sala. Reparou, e anotou na cadernetinha, que ambos os ambientes se completavam, eram construções gêmeas, simétricas, revestidas de cimento, iguais em tudo. Mesmo assim ele se deu ao trabalho

minucioso de fotografar o local, ação que só interrompia para fazer anotações na caderneta. A extremidade do piso superior terminava de modo abrupto, a laje colando na grande pedra de granito. A vegetação rasteira de grama e arbustos cobria o pequeno morro ao fundo, os filetes de água que desciam entre o musgo dava um ar natural e bucólico ao ambiente.

Quando se deu conta Dr. Bernardo reparou que aquela trabalheira havia levado o relógio para perto das onze horas. Com o objetivo de esticar o tempo o máximo possível para que seu colega terminasse também a sua operação e desse as caras, [uma vírgula] ficaram – ele e dona Ifigênia – conversando no local descobrindo minudências e detalhes ainda não esclarecidos. Foi o que aconteceu. Dentro de minutos soou a chamada na porta e Dona Ifigênia tratou de ir atender. Era Roberto que entrou e cumprimentou a dona Ifigênia, pedindo humildes desculpas ao Dr. Bernardo pelo atraso.

– Acontece que você chegou na hora – disse Dr. Bernardo. Estava precisando de alguém para me fazer companhia no almoço. Antes, porém, venha dar uma olhada rápida nos recintos do segundo andar onde acabei de fazer a inspeção. Só para você tomar conhecimento.

Novamente Dr. Bernardo, dona Ifigênia e Roberto subiram as escadas. Em lá chegando Dr. Bernardo mostrou tudo o que viu, detalhou alguns locais (como a desativada entrada circular de tubulação que conectava o gasogênio às salas), para que o olhar mais atilado do colega guardasse algum detalhe não visto. Ele reexaminou também algumas partes e, antes de finalizar, Roberto se lembrou de indagar sobre o estado de saúde de Otto Nils antes do falecimento:

– Dona Ifigênia, tudo isto que a gente verificou e ainda está desvendando com alguma surpresa, deixa a suspeita de que seu Otto poderia estar agindo como um criminoso ou então com algum problema mental. Por acaso a senhora reparou na convivência diária alguma falha nele, algum ato que pudesse confirmar essa desconfiança? Teve algum pressentimento ou conjetura de que ele

estivesse agindo de forma estranha, fazendo coisas que a senhora ignorava?

Dona Ifigênia ficou pensativa alguns minutos e por fim respondeu:

– Bom, pela idade dele era natural que coisas assim acontecessem, não é? Algum esquecimento aqui, gagueira e falhas ao falar, palavras trocadas, mas nunca pensei que ele estivesse ficando louco. O que posso dizer que o seu Otto sempre agiu de maneira sóbria, tomando decisões com sabedoria e sensatez. Ele sempre recebeu cartas elogiosas de gente importante e teve seu trabalho reconhecido. Tudo que fazia era com muita discrição, prudência e bom senso, seus atos eram acompanhados com a rigidez do pensamento alemão que herdou de seus antepassados.

Roberto agradeceu à dona Ifigênia as informações, pegou o envelope com autorização judicial e entregou a ela:

– Dona Ifigênia, isto aqui é uma intimação para a senhora. Aqui a justiça autoriza vistoria à sua residência e também à Casa Alemã, ordena a busca e apreensão de papéis, documentos, tudo o mais que for do interesse da investigação. Esta intimação serve para a senhora ter tudo oficializado. Ao fim o Dr. Moraes, Delegado de Petrópolis, agradece a sua colaboração no que for necessário. Isso praticamente encerra esta fase da investigação. Depois disso tudo a senhora será convidada a ir à Delegacia assinar os papéis e receberá cópia de tudo. Podemos marcar a visita para amanhã?

Dona Ifigênia concordou sem ressalva, mas comentou:

– Puxa, não pensei que fosse assim tão complicado. Vocês poderiam me visitar a qualquer momento, sem precisar autorização.

Dr. Bernardo aproveitou a deixa para fazer as despedidas:

– Pois agradecemos a confiança. Mas esses papéis são uma segurança também para a senhora, dona Ifigênia. E ainda dizem

que a polícia não faz nada, não é? A que horas podemos passar em sua residência?

– Neste mesmo horário está bem. Sou de acordar cedo, como vocês já viram. E deixem para tomar o café da manhã comigo, assim será mais prazeroso.

– Mais uma vez estamos gratos por tudo dona Ifigênia. A senhora aceita ir até o centro almoçar conosco? – Bernardo perguntou por mera formalidade, sabendo que ela recusaria como o fez. Depois se dirigiu a Roberto: – Bem meu caro colega, isso é tudo, foi esse o trabalho que você não viu e não participou. E por isso está multado para pagar o *kassler* defumado com salada de batatas da Casa D'Ângelo. Aviso: não dispenso o chope preto, mesmo tendo que voltar ao trabalho!

No trajeto entre a Casa Alemã e o centro os dois puderam conversar livremente. Dr. Bernardo reparou que Roberto não mostrava aquela expressão exitosa – digamos – de ter cumprido bem a sua missão:

– Poxa! Está com uma cara de decepção. Que foi? Não conseguiu nada lá?

– Realmente eu esperava mais. Nunca vi casa tão bem arrumada e tão limpa. Uma limpeza, um asseio, uma higiene que só se vê nos hospitais.

– Isso pode ser herança dos antepassados germânicos.

– Só reparei em duas coisas que podem interessar. Dona Ifigênia é excelente ervateira, partidária da medicina natural. É provável que sofra de insônia, pois encontrei muitos potes de ervas e raízes calmantes prontas para fazer chá e infusão. Medicamento de farmácia só tinha o Veronal e morfina em pó para preparo de pomada.

– Espera um pouco, não foi tal o de Veronal que encontraram na cabeceira de.

– Exatamente! Também Stefan Zweig tinha problemas para dormir. E sabemos que o seu médico era nada menos que Dr. Freud, conhecedor dos mais modernos tratamentos fármacos e químicos.

– E muito! É de se imaginar debaixo de quanta pressão o pobre Zweig vivia. E ele não teve tempo de aprender a eficiência dos chás e infusões de erva-cidreira nem os efeitos calmantes das folhas e flores de camomila da nossa terra.

– Mas conhecia as receitas do Dr. Freud tanto quanto creio que dona Ifigênia também conheça. Ela tem bem uns vinte potes de vidro com ervas e raízes preparadas prontas para uso. Tem inclusive a perigosa Erva-de-são-joão eficiente no combate a depressão, mas se transforma numa droga poderosa se usada em excesso. Raiz de valeriana que melhora o sono, apesar do gosto amargo.

– Você disse que encontrou duas coisas. Qual a segunda? Vamos ver se a peregrinação na mansão de dona Ifigênia compensa o risco de ser acusado de invasor.

– Bom. Encontrei algumas publicações semelhantes àquelas que Otto Nils recebia. Até aí nada de mais. A correspondência de dona Ifigênia com seus antepassados europeus não era tão vasta quanto à do Otto. A surpresa: duas ou três cartas trocadas com a primeira mulher de Zweig, Friderike Maria. O tema também era a vinda de Zweig para o Brasil. Friderike apesar de separada ainda se preocupava com ele.

– Será que foi dona Ifigênia quem sugeriu a vinda para Petrópolis?

– Nas cartas Friderike mostra preocupação em conseguir boa habitação para o casal e uma boa biblioteca para Stefan Zweig.

– Isso também é bem europeu, não é? Ex-mulher ajudando o ex-marido e a nova esposa. Isso não acontece em nossa terra, não é Roberto?

– É verdade. Acho que isso se deve ao fato de Friderike reconhecer que, apesar da capacidade mnemônica e assimilativa de Zweig para se baralhar a diferentes ambientes de maneira tão vulgar e natural como fosse seu próprio modus vivendi, sabia também da fragilidade psíquica e da propensão ao suicídio que acompanha cada judeu desde tempos imemoriais.

– De qualquer modo descobrimos que existe certa intimidade não declarada tanto entre Zweig e Otto quanto entre Friderike/Lotte e dona Ifigênia. Como você disse: – Vamos varrer! Vamos varrer!

VI

No dia seguinte Dr. Bernardo e Roberto trataram de se equipar cedo antes que Dr. Moraes chegasse e assim evitar questionamentos sobre o caso em andamento. Tudo caminhava para a conclusão, mas tinha algumas arestas e pontos críticos para acertar. Deram apenas cumprimentos breves e trocaram alguns comentários com colegas que também chegavam ao trabalho, cada qual atarefado em excesso como sempre ocorria quando Getúlio Vargas transferia o gabinete governamental para Petrópolis. Beberam rapidamente o cafezinho que estava saindo e trataram de cair fora.

A caminho da casa de dona Ifigênia os colegas comentavam sobre o cotidiano da cidade. O Petropolitano Futebol Clube sofreu nova goleada do Madureira Atlético Clube: 6 x 1.

– Pelo menos não foi tão vergonhoso como os 8 x 2 que sofremos ano passado. E também da histórica goleada de 9 x 3 que o Serrano levou do Bonsucesso em 1933. Ah o futebol de Petrópolis. Coragem! Estamos melhorando. Mas viramos freguês.

– Foi nesse mesmo ano em que o automóvel do Presidente Getúlio foi atingido por uma pedra na Estrada Rio-Petrópolis, lembra? A delegacia virou um alvoroço só. Chovia demais. Mas o acidente não tirou o amor de Getúlio pela nossa cidade.

– Nem as escapadinhas até Juiz de Fora para assistir um show privado de certa vedete. – disse Roberto reforçando a ironia com estrondosa gargalhada. Dr. Bernardo manobrava em direção ao armazém para tomar o cafezinho quando Roberto alertou:

– Ei, espera aí! Lembra que fomos convidados para o farto café de dona Ifigênia. Torrada na banha de porco, ovos com bacon, pão de mel e outras coisinhas mais. Se continuar assim até o caso acabar estaremos gordos como dois porcos.

Chegando lá foi como haviam previsto. Dona Ifigênia os recebeu à porta usando avental florido sobre vestido de tom gris muito discreto e apropriado à sua personalidade. Caminharam direto para a sala onde a mesa farta convidava para o café da manhã. Poucos hotéis poderiam oferecer tanto. Depois de acomodados dona Ifigênia entrou com bules de chá, leite, café e chocolate. Ela nomeou o conteúdo apontando para cada um dos vasilhames:

– Escolham o que preferir. Quanto à mesa, não pensem que é muito: sirvam-se à vontade e gosto. Daqui a pouco as vizinhas virão tomar café comigo. É tradição.

Os colegas já tinham toda intimidade e estavam à vontade. Conversaram sobre assunto variado que não pôde deixar de incluir a guerra que se alastrava na Europa, efervescência que atingia o Brasil, terra recheada de imigrantes e descendentes de alemães, italianos e japoneses e os reflexos que atiçavam o cotidiano da bucólica Petrópolis.

Depois do café Dr. Bernardo fez o convite formal:

– Por favor, dona Ifigênia pode nos mostrar a casa?

O pedido foi imediatamente obedecido, além da sala havia ainda a saleta que guardava a pequena biblioteca, piano de armário, poltrona confortável e escrivaninha. A janela refletia em tiras o sol da manhã. Roberto reparou que os medicamentos da farmácia tinham desaparecido ou mudado de lugar. O vidro de Veronal, a morfina em pó, o óleo e petrechos para preparo de

pomadas. Depois descobriu que tudo estava arrumado num armário branco de parede. Roberto fez questão de pegar um a um, examinar o rótulo e conteúdo, tudo à vista de dona Ifigênia.

Depois passou a verificar as gavetas da cômoda e foi lá que encontrou as cartas que tinha visto na véspera. Olhou os envelopes com os mesmos cuidados e também sob o olhar ansioso de dona Ifigênia. Certa vez, estando com uma carta na mão, de novo foi o Roberto ator que atuou naquela hora:

– Dona Ifigênia – disse ele fingindo surpresa – a senhora se correspondia com dona Friderike Maria, a primeira esposa de Stefan Zweig!

– Sim, trocamos algumas cartas depois que o Sr. Otto recebeu pedido para procurar casa para o *herr* Zweig. O senhor lê alemão? Então poderá ver que dona Friderike se preocupava em arquitetar um ambiente adaptado às necessidades do *herr* Zweig. Ela, dona Friderike, conhecia esses detalhes com maior justeza que dona Charlotte.

– Posso levar as cartas? Depois serão devolvidas intactas, não se preocupe. Não dá para ver tudo aqui e se tiver algum assunto relativo à morte do Sr. Otto terá que ser relatado no inquérito.

– Não tem problema, disse ela: foram só duas ou três cartas. Depois que o Sr. Otto escolheu o local, a casa sofreu uma reforma, eu mesma fui fazer a limpeza e arrumação do jeito que dona Friderike pediu. Acho que o Sr. Zweig gostou do que viu quando se mudou para cá. Achou o espaço arranjado a seu modo – principalmente o escritório, réplica quase perfeita que fiz, seguindo desenho de dona Friderike, do seu cantinho na Inglaterra.

– As preferências do Sr. Zweig eram bem mais conhecidas por dona Friderike do que por dona Lotte. Até a escolha da casa construída numa pequena colina com vista para a mata, as serras.

– Não é estranho que alguém erga um espaço com tanto cuidado, fazendo tudo como quem se prepara para residir aqui muito tempo e decida se suicidar pouco depois? Coitado do Sr. Zweig: morreu sem adivinhar que tínhamos organizado tudo para que envelhecesse aqui, seguindo instruções por carta de dona Friderike. Não a conheci pessoalmente, mas vi que era mulher de educação e personalidade superior.

– A correspondência entre Otto e Stefan Zweig tinha o mesmo sentido? – perguntou Roberto.

– No começo tinham sim. Mas não posso falar de todas as cartas. Não conheço tudo. Havia particularidades, intimidades, questões que a mim não dizia respeito, nem cabia me intrometer ou interpretar.

Roberto notou o tom reticente. Ele percebeu que Dona Ifigênia não queria entrar num assunto delicado: a partir de certo momento as cartas começaram a tratar de sentimentos pessoais. O detetive deduziu que em determinadas horas o escritor se deixou dominar pela personalidade forte e persuasiva que Otto Nils possuía e a relação se transformou em caso de amor. Que bomba!

– Tem algumas que desconheço – continuou dona Ifigênia cortando os pensamentos de Roberto – mas sei que eles falavam também de política, sobre associações judias. Ao fim perceberam que tinham opiniões contrárias. Aí tudo acabou. Quando seu Zweig se mudou para cá os dois já não tinham a mesma relação de amizade. Não digo que eram inimigos, mas interesses poderosos destruíram o vínculo nascente.

Roberto na verdade já sabia de muita coisa, mas inquiria com intenção de obter confirmação de tudo. Muitas vezes dona Ifigênia cuidou da casa de Stefan Zweig, antes e depois dele se mudar. Fazia limpeza periódica, prestava pequenos serviços, botava cartas no correio, arrumava pessoas para lavar e passar roupas e conversava muito com dona Lotte, a quem convidava para o chá com as amigas.

– A senhora pressentiu alguma altercação grave na troca de cartas? Alguma traição, desonestidade, coisas assim?

– Tudo mudou quando a política se meteu entre eles. É uma pena: no começo os dois se davam tão bem. Depois cada um viu que eram judeus, mas de lados diferentes. Seu Otto tinha preferência pelos sionistas: – Israel como pátria! – exclamava exaltado. Já o seu Zweig era claramente a favor da assimilação. Desejava que os judeus pudessem morar em qualquer país e se tornar cidadãos da terra adotiva. Tenho certeza que era isso que ele pretendeu ao escolher o Brasil: queria ser brasileiro.

Roberto lançou um sinal invisível para Dr. Bernardo e este se aproximou para ouvir a conversa. Pela primeira vez dona Ifigênia se abria de modo sincero, sem temor de que o interlocutor fosse autoridade policial, como até então ocorria.

– Depois disso o seu Otto mudou de modo radical o tratamento pessoal que até então tinha com senhor Zweig. Quando recebia carta fosse do Sr. Stefan fosse dos amigos sionistas tratando do assunto ele ficava vermelho, caminhava para lá e para cá com a carta nas mãos lendo textos, fazendo comentários excitados em voz alta, tudo acompanhado com gestos de ódio.

– “Essa será a minha missão! Essa será a minha missão!” – Ouvi de seu Otto essas palavras comentando a carta que recebeu da Associação Sionista Alemã. Conheço bem essas cartas. São aquelas que têm o símbolo da águia sob a assinatura do remetente. Ele considerava essas cartas mais importantes do que as demais. Dava atenção exclusiva, guardava num escaninho especial reservado só a elas e tratava de respondê-las imediatamente.

Depois de relatar todo aquele turbilhão de uma só vez, dona Ifigênia respirou fundo, como se tivesse tirado um peso da consciência. Serviu-se de um copo com água que bebeu lentamente. Depois se voltou para Dr. Bernardo.

– Notei que nunca mais seu Otto falou nem se correspondeu com seu Stefan Zweig. E após a mudança da família Zweig para Petrópolis as raras vezes que falavam era por telefone. Em muitas ocasiões fui enviada lá para tratar de assuntos de ambos: servia de correio entre os dois. Além disso, eu prestava assistência à dona Charlotte, fazia compras para a casa, encomendava remédios, marcava médico, levava e trazia correspondência do correio. Mas isso só ocorria quando havia algum impedimento do casal. Na realidade eram pessoas ativas que gostavam de fazer tudo eles mesmos.

Dr. Bernardo, que passeava pelo local onde havia o pequeno laboratório de ervas, das prateleiras cheias de potes de ervas, aproveitou para desviar o assunto:

– Dona Ifigênia pelo que vejo a senhora é adepta da medicina caseira. Esta estante está cheia de coisas boas para a saúde.

– É verdade – disse ela com certo orgulho – nada como um chá de ervas para curar febre e dor, acalmar os nervos e fazer um sono reparador. São mais eficazes que muito medicamento de farmácia. Ademais, remédio feito em casa não agride o corpo, pois quase tudo é natural.

– Sim – disse Dr. Bernardo. Camomila, por exemplo, é excelente para insônia, mas o meu médico dá preferência ao Veronal. E quando somos agredidos em alguma ação violenta lá vem Dr. Jorge Coelho e suas pomadas e injeções de morfina, não é Dr. Roberto? Sofremos muito nas mãos do Dr. Jorge.

Dr. Bernardo ficou de olho na reação de Dona Ifigênia e percebeu nela acender uma luz de desconfiança. Mas essa suspeita logo passou quando ela respondeu:

– Eu também tenho morfina em pó, óleo mineral, cadinho e petrechos para preparo de pomadas e analgésicos. Mas só faço uso da morfina em caso grave, quando os chás e infusões não dão conta do mal que me aflige. Não sou contra a medicina, mas prefiro produtos naturais.

– Dona Ifigênia, como já explicou o Dr. Roberto, daqui a alguns dias a senhora será convidada a ir à Delegacia assinar papéis e dar maiores esclarecimentos se quiser. A Casa Alemã será lacrada pela justiça e só será liberada no final do processo. Ninguém poderá entrar. Se a senhora tiver objetos pessoais pode tirar todos.

– Já não tenho mais nada ali. Como viram, moro bem perto de lá, mantenho em casa todos os meus pertences e objetos. Tudo que tenho na Casa Alemã são lembranças de tanta gente que passou por ali, cada qual com histórias e dramas íntimos. Ajudei a todos que pude, quando foi possível, porque Sr. Otto me desautorizava outras vezes. Ele fazia questão de ter domínio sobre tudo que ocorria no local, era rígido e ríspido, muitas vezes em excesso.

Os colegas com o olhar combinaram que era hora de finalizar a visita. Não havia nada mais a arrancar dali que desse subsídio ao inquérito.

– Dona Ifigênia – disse Dr. Bernardo – em nome da polícia de Petrópolis não exagero em repetir os agradecimentos pela sua ajuda e apoio dado ao nosso trabalho, que é ainda mais prazeroso com os lanches que a senhora nos mimoseia. Ajudou muito. Por fim, se não surgir algo importante que venha impedir, encerraremos esta investigação.

– Não agradeça. Foi um prazer atender os senhores. Estarei sempre aqui à disposição. Pois acredito que a Casa Alemã será fechada e poderei gozar minha aposentadoria enfim, fazendo reuniões, tendo a companhia das vizinhas e organizando chás beneficentes.

Ao passar em frente à casa de Stefan Zweig e Charlotte, Roberto não conseguiu conter o impulso:

– Se a gente conseguisse tirar impressões digitais do vidro de Veronal que encontraram.

– Roberto, desiste disso. Todo mundo já passou a mão naquele vidro. Repórteres, gente do Filinto, nosso próprio Delegado, rabinos, empregados. Em matéria de impressão digital aquilo ali é uma salada de frutas.

VII

Alguns dias depois dona Ifigênia se apresentou à Delegacia para fazer as últimas declarações e depoimentos. Roberto tinha telefonado a ela na véspera e ajustaram o comparecimento de acordo com a conveniência e horário mais confortável. Ela foi direcionada para a sala de Dr. Bernardo, que logo depois entrou com um cafezinho nas mãos:

– Dona Ifigênia, aceite um cafezinho, bem longe dos que a senhora nos oferece em sua casa, mas de bom sabor. Torrado e preparado com grãos do cafezal daqui mesmo de Corrêas.

Em seguida Dr. Bernardo fez a leitura de todo o relatório que tinha preparado sobre a investigação:

– Dona Ifigênia, se tiver encontrado alguma discrepância com o ocorrido, a senhora, por favor, me interrompa e faça a correção.

Ao se aproximar do final da leitura tediosa e chata Roberto entrou no recinto. Trazia um vidro com um rótulo branco escrito a mão: Pentotal. Colocou o vidrinho diante de Dr. Bernardo que o segurou e prosseguiu a conversa com dona Ifigênia sem interrupção:

– Dona Ifigênia este frasco foi encontrado na mesinha de cabeceira do Sr. Stefan Zweig. A senhora reconhece? É bem parecido com aquele que estava em sua casa. Pode-se fazer um exame grafotécnico para saber se o rótulo foi escrito pela mesma pessoa.

Dona Ifigênia viu o vidrinho e permaneceu impassível, pensativa.

– Sim – disse depois de alguns segundos – eu mesma preparei o Pentotal para o Sr. Zweig, a pedido dele mesmo. Ele me mostrou a prescrição de próprio punho do Dr. Freud. Mas a receita era antiga, de uns três anos atrás. Aceitei as ponderações sobre a demora em conseguir novo receituário, pois o Dr. Freud já havia falecido. Nem precisava ser médica para ver como o Sr. Zweig andava nervoso: o homem era um feixe de eletricidade. Dona Charlotte parecia uma barata tonta pra lá e pra cá sem saber o que fazer.

– Mas a senhora não imaginou.

– Não! O Sr. Stefan Zweig era pessoa famosa, de responsabilidade, adquiriu conhecimento sobre o uso desses medicamentos, era tratado pelo Dr. Sigmund Freud! Quem iria prever uma coisa dessas?

Roberto e Dr. Bernardo ficaram em silêncio por alguns minutos. Também dona Ifigênia se recolheu, abaixou a cabeça e pegou um lenço rendado de tecido fino, com o qual enxugou os olhos. Ainda com o lenço nas mãos ela cruzou os dedos sobre o colo e ficou como que prostrada. Não há dúvida que os detetives encontraram indícios para imputar Otto Nils e Ifigênia Malman como implicados na morte de Stefan Zweig, mesmo que de modo indireto, mediante provas que possibilitavam iniciar procedimentos acusatórios.

Só tinha um porém: se eles colocassem essa mínima insinuação sobre a mesa do Dr. Moraes – e teriam que fazê-lo – receberiam em troca um dedão apontando para a porta de saída além de outras punições e broncas inimagináveis.

– Dona Ifigênia – Dr. Bernardo quebrou o silêncio com brandura – se a senhora não teve participação direta, consciente e dolosa, como está parecendo ser verdade, não precisa ficar preocupada. Mas entenda que o trabalho de investigação que a polícia faz tem que esquadrinhar todas as hipóteses verossímeis e inverossímeis. Só assim se poderá chegar à verdade. É nossa obrigação agir assim.

Depois de um tempo que todos aproveitaram para respirar e deixar o mal estar se esvanecer Roberto interviu:

– Dona Ifigênia, de qualquer modo essas últimas observações ainda não estão formalizadas. Como não houve nenhum inconveniente nem contradição no que foi lido, que resume todo o nosso trabalho na Casa Alemã e na sua residência com respeito à morte do Sr. Otto Nils, a senhora poderá assinar os papéis.

Dona Ifigênia levantou os olhos, enxugou as lentes manchadas de lágrimas e ajeitou os óculos. Estava mais calma, mais dócil. Voltou a ser a senhora pacata, afável nos modos e na fala.

– Sinceramente estou com a consciência tranquila. Nada fiz de errado, só quis ajudar. Só quis ajudar o seu Otto, só quis ajudar dona Charlotte, só quis ajudar *herr* Stefan Zweig. Nunca imaginaria o uso indevido do remédio! O Sr. Zweig era pessoa responsável e tinha conhecimento sobre o uso do Pentotal, de drogas naturais e químicas: mescalina, ópio, cocaína. Ademais, ele era tratado pelo Dr. Sigmund Freud! Como prever coisa assim? Só quis ajudar. Só quis ajudar.

Roberto colocou os papeis diante de dona Ifigênia que foi assinando um a um nos locais indicados por ele, depois do que o detetive propôs:

– Dona Ifigênia – faço questão de levar a senhora até sua residência.

– Não, não se preocupe. Vou aproveitar que estou no centro e farei compras, visitarei amigas, darei um passeio pela Rua Teresa, Rua do Imperador. Depois farei um descanso desfrutando do salão ventilado na Casa D'Ângelo para tomar refresco de seriguela, depois do chá com torradas. Sempre faço isso quando venho aqui.

Os detetives sentiram que dona Ifigênia estava recuperada da agonia que era depor na polícia e do temor de ser acusada pela morte de alguém. Fizeram questão de acompanhá-la até a saída.

Depois dos cumprimentos de despedida já na calçada dona Ifigênia fez uma observação:

– Vocês não ficaram curiosos de saber o que há naqueles dois tanques lacrados? Ora, ora, *trabalho de investigação tem de atacar todas as hipóteses verossímeis e inverossímeis. Só assim se poderá chegar à verdade* – não é?

Ao ouvir a observação repetida tintim por tintim Dr. Bernardo e Roberto deram uma gargalhada em uníssono. No entanto, Dr. Bernardo logo mudou de expressão ao contestar a observação dela.

– Dona Ifigênia, esperamos que a senhora não tenha escondido nada que venha prejudicar a investigação policial. Isso seria uma coisa grave, muito grave e se voltaria contra a senhora.

– Eu não escondi nada doutor Bernardo. Fui atenciosa, detalhista e colaborei de modo sincero. Como disse há pouco, nada tenho a esconder. Minha vida é um livro aberto. Fiz essa observação porque os senhores não deram atenção a um recinto ao qual o senhor Otto tinha muito apreço, discrição e cuidados excessivos. Os tanques e a máquina de gasômetro.

Dr. Bernardo e Roberto estavam cada vez mais surpresos com aquela lengalenga toda, sem saber o que dizer ou como reagir àquele turbilhão de novidades que tinham passadas despercebidas diante de seus narizes.

– Quando estiveram aqui as autoridades do Consulado Alemão – continuou dona Ifigênia – para averiguar e inquirir o Sr. Otto Nils sobre as denúncias que o acusavam do desaparecimento de fugitivos e imigrantes ilegais, seu Otto fez questão de obstruir qualquer acesso àquele local. Porque, não sei.

Dizendo isso ela se afastou disposta a cumprir a missão de visitar amigas, fazer compras na Rua Teresa e descansar desfrutando o refresco de seriguela no calçadão do D’Ângelo. Por fim tomaria chá com torradas em companhia das amigas antes de retornar a casa.

Os dois policiais acenaram para dona Ifigênia que já ia longe ajeitando os óculos e fungando no lenço rendado. Ao voltar para a sala nenhum dos dois conseguiu esquecer a conversa dela. Dr. Bernardo saiu do torpor e tomou a iniciativa de reconhecer a burrada:

– Droga! Merda! Roberto – que furo nós deixamos! Amanhã teremos de voltar à Casa Alemã para dar uma olhada naquilo. Que mulher essa dona Ifigênia hem! Que mulher!

Ambos se serviram de um cafezinho e sentaram em silêncio matutando no que tinha havido sem se dar conta de que o vidro de Pentotal tinha desaparecido da mesa.

VIII

– Ossos! – Ossos!

– O quê?

– Ossos! – Ossos! Só tem ossos aqui.

Dr. Bernardo teve de pedir ajuda ao amigo pedreiro e mestre de obras Germano – mais conhecido como Ruço – para desmontar os dois enormes tanques construídos na parte de trás da casa de Otto Nils. Era um quadradão de $3m^2$, todo em concreto, menos a parte superior que era lacrada por tijolos.

– Só dá para abrir aqui por cima. Em volta é tudo concreto que só quebra com marreta.

E foi por lá que Ruço conseguiu, com ajuda de uma escada, iniciar a abertura. Quando o desmanche atingiu o metro quadrado já dava para perceber o que tinha dentro.

– Ossos e mais ossos! Só tem ossos aqui.

A operação foi repetida no outro tanque e tudo se deu novamente. Ossos. Ossos. Ossadas de seres humanos empilhadas

a esmo. Para que serviria aquilo? Não se tratava de cemitério. Aquela coisa tinha um objetivo e uso específico, tudo fora deixado como que abandonado ao meio de qualquer ação. Era como se fosse um depósito de lenha que tivesse sido usado pela metade e abandonado de repente ao tempo largado sem mais utilidade.

Dr. Bernardo tirou várias fotografias e perguntou ao colega se dava para determinar a data que as ossadas foram depositadas. Roberto calçou luvas e subiu na escada colhendo três amostras de cada tanque em sacos separados para fazer os exames necessários.

– O que posso dizer fazendo um exame rápido pela aparência é que isso deve estar aí entre cinco e dez anos. Só exames mais detalhados podem determinar a data com maior precisão.

– Ruço, faz um favor – disse Dr. Bernardo indicando ao amigo os dois salões cujas portas estavam escondidas com um falso muro. – Dá uma olhada nesses dois recintos e vê se existe aí algum outro esconderijo que por acaso tenha sido desativado e encoberto com sobreposição de paredes, tapumes, coisas assim.

Foi tiro e queda. O olhar profissional encontrou dois tapumes cuja idade destoava do resto da construção. Bastou enfiar os dentes do martelo nas extremidades e as tábuas descolaram ao longo. Pedaços podres ocultavam cupinzeiros e os bichos espirraram pelo ambiente. Ao todo foram tiradas quatro tábuas que ocultavam dois gavetões sobrepostos. Mas um esforço ágil de Ruço com o mesmo martelo sacaram os gavetões para fora:

– Neste aqui: botões, cintos, suspensórios. Neste outro: roupas, calças, camisas, gravatas, meias, cuecas.

Ruço meteu de novo o martelo para puxar a madeira grudada pelo tempo. Desta vez a gaveta não se deslocou porque a tampa que estava apodrecida foi atirada longe. De lá se esparramaram objetos variados: dentaduras, óculos, relógios, pulseiras, carteiras de cédulas, identidades e passaportes cortados à tesoura.

Dr. Bernardo, que tinha puxado o colega Roberto pelo braço para assistir a demolição, sacudia a cabeça imaginando mil coisas e fotografando tudo vorazmente.

– O Manual, Roberto. O Manual, Roberto. Trouxe o Manual?

Roberto não havia deixado nada para trás. Não só abriu o manual, mas também as plantas que deram vida à obra. Lá estavam os vários depósitos com a mesma aparência, as mesmas afinidades, as obras tinham sido feitas com esboços similares, apenas em dimensões diferentes. Estava assim determinado: havia homogeneidade conforme o planejamento e desaguavam na analogia proposital nos meios e fins.

– Que loucura! Tem mais alguma semelhança com Dachau, alguma parecença que possa servir de prova acusatória? – perguntou ao colega.

Os dois se olharam espantados sem saber o que comentar apenas anuindo com a cabeça. Ruço, que estava ali por dever profissional e de amizade, também não entendia nada. Ele conhecia a Casa Alemã só de nome, sem ter noção alguma das implicações políticas a que levava a existência do local.

– Vamos ter de incomodar a simpática dona Ifigênia mais uma vez – observou Roberto consolando o amigo. – Ainda bem que temos uma informante que assistiu a tudo ao vivo e em cores. Porque do finado *herr* Otto Nils não se arranca nada. Nada se ouve dos confins do além.

– Rapaz. Quem imaginou que iríamos chegar a esse ponto? Não foi você que me disse que recolher um cadáver era coisa para detetive principiante? Que gostaria mesmo era estar totalmente imerso no Caso Zweig, aparecendo em manchetes de jornais?

Dr. Bernardo mais uma vez troçava do amigo. Ficou combinado que eles voltariam à delegacia para pagar o Ruço pelo trabalho, Dr. Bernardo entregaria os filmes ao laboratório para serem revelados e depois iriam telefonar à dona Ifigênia para marcar mais uma visita.

Dr. Bernardo e Roberto conseguiram o encontro com dona Ifigênia logo na manhã seguinte. Antes os dois passaram na loja para pegar a revelação das fotos, cuja urgência foi atendida, devido à importância e implicações que teria na investigação. Já por hábito Dr. Bernardo passou pela estrada velha do Morro dos Velhacos e bebericou o cafezinho do armazém. Quando chegou à casa de dona Ifigênia o sol estava alto. Foram recebidos com a mesma deferência pela dona da casa, mas desta vez tinha passado a hora do café matinal.

– Dona Ifigênia, o que nos traz aqui é o exame que fizemos depois da sua observação sobre os dois depósitos. O que encontramos está aqui nestas fotografias. Desde já acho impossível acreditarmos que a senhora não soubesse de nada do que ocorria ali.

Dona Ifigênia olhou as fotografias com atenção e logo a expressão facial foi se deteriorando voltada para a tristeza.

– Eu tinha lá minhas desconfianças, sim. Mas tinha também dúvidas. É aquele receio sem ter certeza, dando crédito na fé de que a suspeita não fosse verdade. Que tristeza, que tristeza.

Novamente dona Ifigênia recorreu ao lenço rendado para enxugar as lágrimas. Por fim largou as fotografias sem ter visto todas prenunciando que todas as cenas se repetiriam. Ficou com o corpo todo em abandono, braços e mãos largados a esmo, a face mais envelhecida pela tristeza.

– O que posso dizer é que no começo, isto é, logo depois que ele construiu esses depósitos, o Sr. Otto pediu a todos que depositassem ali o lixo e outros dejetos, pedaços de madeira, coisas assim, que tudo iria ser aproveitado naquela máquina, servir na produção de energia e gás para cozinha. Ele preferia botar a máquina para funcionar ao fim da tarde, no começo da noite.

Segundo dona Ifigênia declarou, algum tempo depois nem ela nem nenhum outro empregado ou hóspede refugiado e

acolhido teve acesso àquele local. Passou a ser recinto de uso exclusivo do Sr. Otto que muitas vezes até dormia e fazia as refeições lá mesmo.

Exatamente uma semana depois os detetives encerraram todo o processo, ilustrando com provas, fotografias e análises convincentes um sumário de culpa. Assim documentado consideraram que a investigação continha elementos capazes de denunciar Otto Nils pelos crimes de construção de unidade de extermínio, assassinato de imigrantes e fugitivos do nazismo, extermínio de judeus e suspeita de participação na morte de Stefan Zweig. Depois de longa análise dos dois profissionais, também levando em conta a inestimável colaboração que deu ao desfecho do caso, dona Ifigênia foi inocentada da participação nos crimes.

Porém, mais uma vez o inesperado aconteceu naqueles tempos turbulentos. O próprio Getúlio Vargas preparava a virada de estratégia em ato inesperado, até mesmo para seus auxiliares mais íntimos: a demonização do Eixo Alemanha-Japão-Itália e a entrada do Brasil na II Guerra! Com essa atitude nosso estadista finalizava o ensaio feito na Reunião de Consulta do dia 28 de janeiro de 1942. Após a força aérea japonesa arrasar Pearl Harbour, o Brasil rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo e entrou na guerra.

Getúlio Vargas – que não tinha nada de bobo – antes tentou obter de Fritz Thyssen a promessa de construir um grupo siderúrgico no país. Mas a família Thyssen estava ainda comprometida com financiamentos à NSDAP e nada foi concretizado. Por seu lado, Alfried Krupp também não tinha capacidade de internacionalização. Sobrou para os norte-americanos que se dando conta do fracasso brasileiro, trataram de ocupar o espaço vazio. Getúlio Vargas desde 1941 tinha ambição de ter um parque siderúrgico nacional e urgia realizar o projeto. No momento o Presidente encontrou os meios ideais que satisfez a todos, enganando alguns e acertando com outros.

Epílogo

– Bom trabalho rapazes. – Disse o delegado Moraes tendo à sua frente os grossos volumes a que chegou todo trabalho de Dr. Bernardo e Roberto sobre a morte de Otto Nils.

– O relatório do Dr. Jorge também está excelente – completou pegando um charuto Suerdieck no estojo de madeira.

Depois de cortar a ponta ele escorreu as laterais do charuto pelo nariz cheirando o odor embriagante do tabaco baiano. Só então arranjou um lugar no canto dos lábios para acendê-lo. A pederneira retiniu duas vezes antes de inflamar o pavio do isqueiro, que desaparecia por completo nas mãos postas em concha para proteger a chama. As primeiras baforadas dadas seguidas vezes inundou o ambiente com o aroma apimentado do fumo. Ele completava o ritual em silêncio, mas se via pela expressão que estava com a cabeça em alvoroço.

– Só que agora este caso se transforma num assunto internacional.

Dr. Moraes pegou a pasta com as dezenas de fotografias que Dr. Bernardo tinha tirado para documentar o inquérito. Olhou uma a uma e quando chegou às fotos dos tanques de concreto recheados de ossos ficou ali mirando as imagens com o cenho franzido.

– Qual será a origem desses ossos? Cemitério? – Deixou a pergunta no ar sem se dirigir a nenhum dos policiais em particular. – Eu sempre quis botar as mãos nesse Otto Nils. Mas ele sempre escapava, escorregadio como uma enguia. Não sei de onde ele tirava tanto poder, mas percebi a existência de uma rede de proteção à Casa Alemã, que vinha de fora e estendia os tentáculos pelo Brasil.

Dr. Moraes falava de si para si, intercalando as frases com grandes baforadas, batendo a ponta do charuto no cinzeiro. Levantou-se e foi até a janela. Lá fora a cidade desfiava as ações cotidianas, comerciantes nas portas dos negócios, passantes admirando as novidades, clientes fazendo compras, o estafeta do correio com o malote pendurado nos ombros, o gari varrendo ruas

e calçadas, deixando livres os ralos de ferro, madames passeando com o cachorro.

Pouco tempo depois ele voltou à mesa e se dirigiu aos detetives:

– Rapazes, vocês transformaram este caso numa bomba internacional. De qualquer modo gostei muito do trabalho e tem a minha aprovação. Mas não posso dar um passo a mais sem falar com Dr. Filinto Müller. Aliás, esperem um pouco. Sentem-se, vou dar uns telefonemas e isso pode demorar.

Pegou o telefone de baquelite negro e com ele nas mãos, o fio do telefone se arrastando atrás, se dirigiu à janela. Discou uma, duas ou três vezes antes que conseguisse encontrar o Dr. Filinto Müller. Dr. Bernardo se levantou e quando retornou à sala trazia bandeja com um bule e três xícaras, uma das quais serviu e levou ao Dr. Moraes. A conversa ao telefone foi demorada, as frases entrecortadas, palavras ditas em surdina, gestos explicativos, expressão facial de diversos matizes.

– Rapazes, disse por fim, o Dr. Filinto virá aqui dar uma olhada nisso tudo. Dr. Bernardo, por favor, traga para cá tudo que tiver sobre o inquérito. Quero tudo junto. Roberto, pega a chave daquele armário ali e arranja espaço exclusivo para guarda do processo, fotografias, provas, tudo, tudo.

Dr. Bernardo trouxe as peças que ainda estavam sobre sua mesa. De novo deu falta do vidro de Veronal, mas não tinha tempo de indagar a Roberto sobre o que aconteceu. Os dois juntos organizaram tudo como o delegado pediu, o armário foi fechado e lacrado a cadeado. Depois da tralha toda arrumada Dr. Moraes se levantou e se dirigiu aos detetives, que cumprimentou e abraçou a um de cada vez.

– Dr. Moraes, disse Roberto, depois da descoberta dessa estrutura encontrada com os ossos, eu e o Dr. Bernardo achamos que o Manual de Instruções é a principal peça, como prova documental e criminal. O conjunto das evidências é suficiente para abrir processo de averiguação de extermínio, perseguição e

outras qualificações, contra o senhor Otto Nils e a instituição Casa Alemã.

– Bom trabalho! Excelente trabalho, rapazes. – O Delegado Moraes se levantou de braços abertos cumprimentando Bernardo e Roberto. – É por isso que me orgulho de minha esquipe. Tenho prazer de ter vocês dois aqui. Assinarei um ofício cumprimentando a vocês e ao Dr. Jorge Coelho. Ah, um lembrete: ninguém terá acesso a esta sala na minha ausência. Ninguém – ouviram? Ninguém! Vocês dois serão os responsáveis, os guardiões deste espaço.

Dr. Bernardo e Roberto agradeceram os elogios de modo formal e se preparavam para sair quando ouviram a voz do delegado:

– Bem, agora que este inquérito está sendo encerrado, é bom vocês darem uma ajuda ao pessoal do caso Zweig. A ordem é desfazer toda e qualquer insinuação de que a morte do casal foi um crime ordenado pelo Führer. Especulação desse tipo, que já corre nos jornais sensacionalistas, denigre a nossa instituição e nosso país. O resultado da autópsia chegou à conclusão que foi suicídio. Portanto, é suicídio – e ponto final!

Isso aconteceu alguns dias depois. Diante da certeza da participação brasileira na II Grande Guerra, da pressão dos militares e ministros germanófilos que ainda cercavam Getúlio Vargas, o trabalho de Dr. Bernardo e Roberto foi abruptamente interrompido. Nem precisa dizer qual foi a reação de ambos. Se o Dr. Moraes pudesse ver a irônica troca de olhares entre os dois amigos daria um riso de satisfação.

E mais outros dias depois os policiais foram convocados à presença do delegado Dr. Moraes e à vista do calhamaço que constituía o processo depositado em caixas de papelão sobre a mesa, ficaram imaginando do que se trataria. Na conversa, o Dr. Moraes, alegando ordem direta recebida do Dr. Filinto Müller, com aval do presidente Getúlio Vargas, determinou aos detetives a paralização imediata de qualquer investigação sobre o assunto.

– Tenho aqui em mãos a Portaria assinada por Filinto Strubing Müller, que transfere a responsabilidade desta investigação e todo o Processo para a Chefia de Polícia do Distrito Federal. Para nós o caso está encerrado! E então, na vista dos dois, o Delegado despachou na última folha:

Cumpra-se.

Petrópolis, 22 de março de 1942.

E assinou embaixo.

Rio de Janeiro, Cachambi,
5/11/2016 - 9/02/2018.